

VOLUME 30
EXÍLIO - 12/01 a 27/03/1890

INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II

9h 10' (hora de Espanha) – Dorãs – Passamos – Cruvillas – 9 ¼ venta de baños. Vou tomar chá e dormir porque amanhã tenho de mudar de manhã cedo.

12 de janeiro de 1890 (domingo) – 5h 20' Dormi bem.

Estou andando para a estação em que hei de mudar de trem.

Choveu de noite e creio que ainda chove. 35' Já estou no novo trem em Hendai. 6h 5' Partimos. 7h 35' Na estação de Bavonne com a marquesa de Acapulco e as filhas.

Está muito úmido e não poderei ir à missa.

9h ¼ Sigo. A marquesa de Beranger deu-me notícias da Sociedade de Paris. Estive com o Behrends. A mulher está de influenza.

Já atravessei túneis e o Adour.

10h 35' Seguimos depois de alguma demora na estação de Peyrehorade. Passamos por l'Eglise pouco depois 5h 20' deixamos a estação Liberat. Perguntei a dois porque assim chama a atenção. Nenhum me respondeu.

La Grecque por madame Adam. Mandarei buscar de Cannes esse e os outros escritos da mesma.

11h Pinjoo. 11h 12' Seguimos. Bom artigo no *Figaro* de 11 “Les Revues et la Presse brésilienne l'exposition du roina [sic] français”.

J. K. Huysmans (hei de procurar os melhores deste). 11h ¾ Argagnon. 12h (Lacy). L'Autorité.

Mudança de calendário no Rio. O jornal diz: Et il ya dedommais quelque chose de plus bête que la republique en France ce que nous n'avions pas cru possible c'est la republique au Brésil. “L'estafette”. Stanley au secours de Emir Pacha par Wauter Paris Maison Guantin.

12h ¼. Articy e quase sem demora seguimos. 25' Lescar, tendo passado antes Denquien. Já vejo o rio Gave e o castelo assim como o hotel Gassion para onde vamos. 12h 35'.

1h ½ Já vi Mmes. André e Depaul. O Manuel Inácio, S. Joaquim e mulher assim como outros. A vista de meus quartos é muito bela.

4h ¾ Almocei bem.

Esteve cá o Itajubá.

Li o livreto – Guide de Pau. Amanhã de manhã começarei minhas excursões. 5h ¼ Li com Mme. André. Melle. Jaqueman o marido está doente. Quer tirar meu retrato. Mandou-me diversas artísticas, entre elas “Las femmes” de Brantonne por Henri Boucho que vou ler.

Agora continuarei os Serões de Castelo Branco e dormirei. Estiveram aqui Jules Detfer prefeito dos Baixos Pirineus e Gustave Savère seu chefe de gabinete. Vou deitar-me.

13 de janeiro de 1890 (2a fa) – 7h 20' Dormi bem. Bonita vista dos Pirineus das janelas do meu quarto.

[desenho]

“Está agora 8h empoeirada – mas de luz”.

11h e 40' Almocei com vontade.

Estive com Mme. Dremer e a filha, minha afilhada, cujo marido é conservador do Castelo. 19º ao sol.

12h 12' Acabei de ler o 5º folhetim dos Serões de S. Miguel de Seide de Castelo Branco. Sempre mais ou menos interessante.

3h ¼ Dei bom passeio na alameda em que o público passeia, ao longo e superiormente ao Gave, e volto agora. Gaston foi com as meninas à casa de Mme. Depaul em Morlas, a ¼ de hora daqui.

Estiveram cá Mme. André com o marido cuja fisionomia muito me agradou. Mme. Depaul, a filha e o genro, A. Certes Inspecteur Général des Finances que se ocupa de bacteriologia e com quem [sic] a respeito dos estudos de Pasteur.

Já jantei e bem. Continuarei a conversar na sala. 10h Vou deitar-me lendo um pouco até dormir. Às 8 recebi Mme. du

Rocher já viúva e com 4 filhos que é filha de Mme. Benoist d'Azy. Conversei bastante com ela, pedindo-lhe notícias das irmãs, do irmão René e da mãe a quem mandei lembranças. Parece-se com a mãe, porém não tem o rosto longo e ossudo dessa e ainda menos seus belos olhos e olhar penetrante. Ficou de levar os filhos amanhã à estação e talvez alcance ver a mãe.

Estive conversando com todos os meus companheiros e o barão e baronesa de S. Joaquim. Recebi telegrama da Barral pedindo notícias de todos. Espero vê-la em Cannes no dia 21 segundo me disseram.

10h 35' Vou ler ainda um pouco deitado e dormir.

14 de janeiro de 1890 (3a fa.) – 7h Já estou assentado e escrevi a Mme. du Rocher (Denise Benoist d'Azy) pedindo-lhe de mandar a carta inclusa a sua mãe. Veremos se se quebra seu mutismo de tantos anos.

8h ½. Só 2º fora da janela.

Vou mandar buscar o livro Don Sebastien et Filipe 2 pelo conde S. Mamede.

Cartas do infante D. Luís (filho de D. João III) a D. João de Castro Nice – Rei da Índia.

Le Soleil de 14. “Les emponnement par la viande” – Efeito do fumo de tabaco sobre a carne [sic] experiências de Bonsrier.

10h Vou almoçar.

4h 10' Já fui à gruta de Lourdes; a igreja que é bonita de que falarei melhor amanhã dizendo apenas agora que agradou-me e encanta-me a paisagem.

Antes de sair de Pau estive na Igreja de S. Martinho que é bela. Mas agradou-me sobretudo pela bela vista que desse ponto se goza e o teatro pequeno, mas cuja sala é bonita. Dando bom passeio dominando o Gave. Na gare vieram muitas pessoas despedir-se; as de que já falei. Vi a Denise Benoist e seus filhos de que o menor tem feições do avô, o conde Jaubert. Entreguei-lhe por não saber onde morava, uma carta com outra que pedi-lhe enviasse à mãe.

O caminho até cá é muito pitoresco e o lugar de Lourdes encanta-me. Amanhã verei se o Panorama dá idéia do local.

8h 20' Carta de Daubrèe de 10. Interessante. Dá-me notícias de diamante em meteoritos em estado pulverulento ou transformado em grafite conservando a forma característica de diamante. Pequena quantidade cerca de 1% do peso total. O que é extremamente notável também é estar associada ao peridoto e em condições inteiramente análogas às em que se acha nas massas eruptivas da África Austral em igual abundância. Novo ponto de união que liga estes restos de astros às partes internas da terra. Promete mandar-me para Cannes tudo o que me possa informar-me [sic] do mais importante do movimento científico.

Figaro de 13 – “L'empereur du Brésil à Pau”.

Débats de 14 “Une biographie anglaise” de J. Bastien Lepage. Lembranças do príncipe Bodjar Kahageorgevitch numa revista inglesa ilustrada. Vou mandar buscar Dix Contes por Jules Lemaitre gosto muito das críticas literárias dele no Débats.

“L'Evenement”. Nada de notável e Le Telephone de 1º de dezembro.

10h 5' Tomei chá e vou recolher-me.

15 de janeiro de 1890 (4a fa.) – Meia [sic] ¼ Estive lendo o livro interessante Histoire de Lourdes por Lagrèze. Vou dormir.

Tenho ouvido o Luis falar. Meus filhos e netinhos dormem no outro quarto.

5h Dormi bem mas não posso mais. Falaram bastante no quarto ao pé de meus filhos e um dos pequenos creio que tossiu, mas agora está tudo no maior silêncio.

6h Ouço já cantar na rua.

7h 35' Tenho estado a ler Histoire de Lourdes por Lagrèze. É interessante. Vou vestir-me.

12h 50' Comunguei e ouvi missa na igreja, que muito me agrada a do morro. Dei um passeio. Vim almoçar – com vontade. Fui até o lago de Lourdes que não me encantou; mas depois à fortaleza que tem uma vista belíssima.

Ao retirar-me daí encontrei Gaston e meus netinhos. Tenho gostado muito de Lourdes. Na primeira saída havia só 5º e mesmo encontrei gelo de noite, mas o frio mesmo naquela ocasião era agradável. A fortaleza nada tem de notável em si. É do 4º século e figurou no tempo de Carlos Magno quando ele pelejou com os árabes que a ocupavam.

Vou continuar o livro de Lagrèze.

2h ¼ Parto. Terreno plano com montanhas ambos os lados baixos. Ossam. Ao longe o Pico do meio dia de Bigorre à esquerda a estação e a povoação. À direita vasta planície bem lavrada. Juillan.

3h 5' Tarbes. De longe vi um grande edifício com uma cúpula, talvez a catedral. Estação grande. Com pouca gente. Estátua do Larrey nascido no departamento dos Altos Pirineus. Mercadieu. Túnel de 454m e idêntico de 654 – Lespouly Lalasd – Túnel 634 Bordes l'Hez, Tournay – Ozon – Lancepède.

Já vejo o grande viaduto cousa que me parece mui belo. Nas montanhas. – Capoern – A tarde neblinosa não me deixou avistar à direita o cume do pico de Ardideir; a massa isolada do pico do meio-dia de Bigorre e o maciço do triplice cume do pico de Arbizon. Em Capevern há duas fontes termais de água sulfatada calça no gênero das de Bagnere de Bigorre – Lannemezan – Vasta planície aproveitada com montanhas no fundo, à direita. Pena é que haja neblina (Cantaous – não a vi).

St. Laurent – St. Paul - Aventignon com a gruta de Gargas de que *[ilegível]*. Atravessa-se o Garona – Montrejean. Daqui se vai à Bagnères de Luchon. A 8 km está a gruta de Gargas notável por estalactites. Seu nome é de um senhor, que fez dela prisão. Serviu no 18º século de refúgio a um canibal que matou e devorou mais de 30 mulheres da região. St. Gandeus –

Jantei, porém tudo muito mal disposto, comendo com a mão pão com o presunto e carne.

6h ½ Pouco vejo. Em Toulouse suprirei o que falta aqui.

7h Cheguei a Langages e em meia hora a Toulouse para lá o que não tenho anotado.

11h 10' Parto para Marselha. Jantei bem. Conversei. Senti nada ver da cidade embora já conheça Toulouse de outra vez. Daqui a pouco vou deitar-me.

16 de janeiro de 1890 (5a fa.) – 4h da madrugada. Dormi bem. Já passamos Peste. Em Marselha fui a Notre-Dame de la Garde. O dia deseneblinou-se quase de todo. Descobri a cidade, a ilha com Castelo d'If. Almocei bem. Vi a família do Porto, do Rio Grande e o cônsul brasileiro *[ilegível]*.

10h 5'. Já estou de partida para Cannes. Belos Chateaux à esquerda e uma montanha alta rochosa que parece ter edifício no cimo.

[desenho]

À esquerda bastante afastada.

Túnel que não é comprido – outro comprido – um muito curto. Antes Arris – Agora à direita extensa e bela vista. St. Cyrne. Escreverei depois os nomes das estações precedentes. Mar à direita.

12h 37'. Passeei pela estação de Toulon e vou seguir. La Garde. Castelo arruinado à esquerda sôbre colina pedregosa à esquerda.

Figaro de 15 comprada em Toulon – Lettre de Madrid – Interessante. Soliet – Pont – Coquelin seul. Tem graça. “Un théâtre inconnu” representações pelo club dramático israelita russo no faubourg de Chateau-d'eau. 10 Vai de Lancry, sièges de Chambres syndicales; peças de assuntos hebraicos com bailados. Pouca couleur locale nos cenários. “Le réforme des chemins de fer en Hongrie” – Jeanne d'Arc pagée par Mr. Carnot. Elogiou-a a 10 de 8bro *[outubro]**[outubro]* de 1880 em Compeigne, na inauguração da estátua dela. Gomfaron Le Lac et le Cannet – correspondendo S. Tropez ao S.

Já anotei sobre a altura a capela de Sta. Brígida. Vidauban. Não vi... Chegamos a Les Arcs – Comércio grande de cortiça. Desde Vidauban entramos no belo vale de Argens, que parece já passamos. À esquerda sobre uma altura o castelo de Atros que julgo ter avistado. Le Mery onde os provençais na retirada de Carlos 5º matando o poeta Garcilaso de la Vega atento seu vestuário mais rico pelo rei, mataram aquele. Roquebrune Frejus (Frejus) Frotum Julii. Curiosa por suas recordações. Visitei-a com muito cuidado a vez passada.

3h 40' Cheguei. Estavam na pessoas *[sic]* das que conheci aqui. Já conversei com o Seibold que me trouxe livros para as lições que serão às 3h cada dia. Hei de sair sempre que haja bom tempo, antes e depois do almoço. Pretendo cuidar regularmente do corpo e do espírito.

5h 20' Vou jantar.

10h ¾ Jantei bem. Escrevi à Amelot porque não vi o nome do marido no indicador das pessoas em hotéis e pensões. Amanhã é que hei de inteirar-me do que puder. Vou deitar-me lendo ainda um pouco antes de dormir. A Muritiba tem estado com dor de garganta e febre, porém, suponho que vai melhorar. Passei o dia bem, mas tomara tornar à vida regular e de estudo.

17 de janeiro de 1890 (6a fa.) – 6h 10' Dormi bem. Vou ler.

12h ¼ Acabo de almoçar bem. Fui até Villa des Palmiers pensando achar aí Mme. Amelot segundo lera no Indicateur, embora na dúvida por não dizer comtesse. Com efeito era outra que me tratou com muita amabilidade. Depois dei um passeio até Croisette, onde o mar estava um lago. Andei um pouco a pé.

Figaro de 16, “Une entrevue avec Stanley”. Cairo 15 de janeiro. “Le pont sur la Manche”. Ont discuté et onte deux conclut en faveur des solutions présentées par mm. Schneider et Hersent. Un grand nombre d'Anglais et des plus notables – enthousiasme de ce projet – Partira de Folkstone au port d'Ambeteuse. Respondi a Liégeard pedindo-lhe versos. Vou sair.

1h 20'. 10h 40' Estivo no Golfo Juan. Dei lição de grego traduzindo a Odisséia com facilidade convencendo-me que não estou esquecido. Jantei bem. Tenho conversado tomando há pouco o meu chá. Acabado o jantar descí para jogar bilhar. Agora vou deitar-me e ler até vir sono.

18 de janeiro de 1890 (sábado) – 6h 5' Já estou assentado. Não dormi como ontem porque tive de levantar-me algumas vezes para urinar.

8h ¾ Estive lendo e escrevendo a Renan, Daubrée e Charcot. Já me vesti e vou à ducha.

11h Volto. Soube-me. Andei a pé. Agora vou tratar de almoçar.

12h 5' Comi bem.

3h 5' Dei um bom passeio de carro e a pé pelo Boulevard de la Croix des Gardes.

10h Estudei sânscrito traduzindo o Hitopadeça, reconhecendo com prazer não ter esquecido o que aprendi.

Jantei bem em companhia de meu genro Augusto que chegou. Joguei depois bilhar com ele e tenho estado a conversar e 40m. Tomei chá, ainda conversei e vou me deitar para ler até dormir.

19 de janeiro de 1890 (domingo) – 6h 35' Passei bem mas levantei-me algumas vezes. Já estou assentado lendo.

Le Petit Marseillais de ontem. Cadix experiences d'un navire sus-marine. O Peral; Rapidez de 7 milhas submergindo até a parte inferior da torre ótica e manobrando com grande velocidade em todas as direções.

Londres 17; Na véspera a Sociedade do Túnel sob a Mancha, decidiu solicitar ao Parlamento na próxima sessão a continuação dos trabalhos de experiência para a abertura do túnel. Manifestações de 20.000 socialistas em Hamburg. Manifestações do Count-Council de Londres contra o proceder de Stanley na África. “L'état de santé de Alphonse XIII” – Em franca convalescença. L'épidémie de grippe. A Paris – diminuiu. Morreu antes de ontem em Nice uma mulher de 103 anos no uso de toda a sua razão.

8h ¾ Estive lendo o discurso de Barbier de Meynard na sessão pública anual de 22 de 9bro [novembro] [novembro] de 1889 da Academia das Inscrições e Belas Letras e tomei nota de diversas obras premiadas. Já estou vestido e vou para a ducha.

10h ½ A ducha foi boa e vim para missa que muitas saudades causou-me de minha Santa que aí a ouviu tantas vezes comigo.

11h 5' Estive lendo o publicado da sessão anual da Academia das Inscrições e Belas Letras de 22 de 9bro [novembro].

5h ½ Fui a Antibes e vi bem tudo segundo livro do Dr. J. Orgeas.

10h 35' Jantei bem. Conversei – vi cartas. Respondi a A. Karr marcando-lhe das 3 às 4. Depois do jantar joguei bilhar com o Augusto que retirou-se por incomodado do estômago e depois com o Gastão. Conversei, li e tomei chá e agora vou deitar-me.

20 de janeiro de 1890 (2a fa.) – 6h Dormi bem, embora me levantasse algumas vezes para urinar, mas sem incômodo para urinar. Vou ler.

8h 18' Acabei de ler os discursos da sessão pública da Academia das Inscrições e Belas Letras de 22 de 9bro [novembro] e Le Monde diplomatique de 14 com retrato meu que parece avelhantado de mais e artigo justo. Un reine influencée. Carta de Maria Antonieta à mãe falando dessa moléstia que a tinha atacado assim como à filha e outros; datada de Versalhes a 15 de janeiro de 1780.

Vou me vestir. Festa. Ainda vou ler até sair.

9h Vou para a ducha. 11h Foi boa. Passeei até o farol e pela praia além. Vou agora almoçar.

12h $\frac{1}{4}$ Almocei com apetite.

Li no El Americano de Barcelona de 15 9bro [novembro]. Traz o meu retrato que não está mau só tendo um olhar que não é o meu e artigo de Hector Varela a meu respeito e que revela a simpatia que sempre lhe inspirei.

2h $\frac{3}{4}$. Fui ao observatório de Corniche; que bela vista! E voltei por Vallauris. Trouxe 2 bilhetes com as representações das fachadas dos estabelecimentos de Clement Massier. Vou para a lição de hebraico. 10h Ainda bem que não o esqueci.

Depois de traduzir Isaias, fui jantar, fazendo-o conosco o duque de Nemours. Depois conversei. Chegaram o Pedro e o irmão Gusty que está bem apessoado mas sempre com a sua rouquidão. Foram jantar fazendo-os ir depois de ver o pai. Estive conversando com todos retirando-se antes do duque de Nemours alegando fadiga de viagem. Tomei chá e vou deitar-me lendo até às 11.

21 de janeiro de 1890 (3a fa.) – 6h 10' Já estou assentado e vou ler. Acabei a publicação do Neto "Le Museum National de Rio de Janeiro". É interessante. Vou vestir-me para ir à ducha. O dia está claro, mas forte mistral. 10º cent. fora.

11h 5' Ducha que me soube. Depois passei a pé, continuando de carro até a Croisette onde me apeei, voltando de carro pelo caminho anterior. O mistral está um pouco forte. Vou começar a ler Le Pater de Coppée.

1h $\frac{3}{4}$ Almocei bem. Acabo de chegar da estação com a Chica e o Pedro Joinville. O Joinville não veio por incomodado creio que de influenza.

4h Volto da estação onde fui receber a condessa que veio só com Chiquinha. Achei-a a mesma e felizmente se não aceitou meu oferecimento de aposentos neste hotel que fica perto do de St. Charles. Convido-a assim como Chiquinha a jantar comigo.

4h $\frac{3}{4}$ Acabei Le Pater. Lott devia brilhar recitando o que marquei.

10h $\frac{1}{2}$ Antes de jantar estudei árabe, traduzindo "As mil e uma noites". Jantei bem. Depois veio a condessa com a nora. Estive conversando com a condessa até há pouco. Vou deitar-me e ler um pouco até dormir.

22 de janeiro de 1890 (4a fa.) – 12h 25' Já peguei no sono e vou dormir deveras.

7h Vou ler. Dormi bem, mas pensei demais antes de levantar-me. 8h $\frac{1}{2}$ Acabei de ler o belo Rapport sous les prix de vertu lido por Mr. Perrayd bispo de Autran, presidente da Academia Francesa a 14 de 9bro [novembro] de 1889.

10h 10' Ducha, passeio de carro por não ser bom tempo. Almocei bem. Fui com a condessa, nora e Amandinha até o observatório de Cornija. Voltei por Vallauri onde vi tudo o que pertence à fábrica de porcelana e trouxe objetos para os netinhos. Ainda traduzi a Odisséia e li provas da arte guarani de Restivo com o Seibold. Jantei bem, e tendo vindo a condessa conversei com ela, a nora e os maridos. Acabo de tomar chá, e disse adeus a meus filhos, aos da comitiva e à condessa e a nora e vou ler até dormir.

23 de janeiro de 1890 (5a fa.) – 6h 40' Estou já lendo. Dormi bem embora me levantasse algumas vezes para urinar.

8h 40' Li a publicação do que se leu na sessão pública anual da Academia das Belas Artes de 19 de 8bro [outubro] de 1889. Vou vestir-me. Dia enevoadado.

10h 45' Boa ducha. Passei pela exposição de horticultura de que o Mouton trouxe-me convite para a sessão de abertura, não tencionando de lá ir senão amanhã. Dei um passeio de carro.

11h Vou almoçar a esta hora porque a Isabel vai a Nice.

10h 20' da noite. Depois do almoço li um pouco. Dei um bom passeio de carro pelo Canet vindo na volta tomar café no Rumpelmayer. Traduzi Hitepedeças depois de ir assistir ao estudo dos netinhos Pedro e Luís com a condessa; ainda continuei a edição da arte do Guarani de Paulo Restivo que está publicando com o Seibold. Jantei bem. Conversa a que depois de seu jantar veio a condessa com a nora. Tomei chá depois de despedir-me de todos.

São 10h $\frac{1}{2}$. Vou deitar-me, ler ainda e dormir.

24 de janeiro de 1890 (6a fa.) – 6h 35' Dormi bem embora urinasse diversas vezes. Vou ler.

9h Escrevi e abri cartas que ainda há para responder. Vou para a ducha. Céu um pouco sarrabulhento.

3h $\frac{1}{2}$ Ducha muito agradável. Exposição hortícola. Interessante. Vi Solignac. Um viajante da Austrália e pessoas

minhas conhecidas de outra vez como o Mouton e o presidente Roland. Trouxe uma florzinha da Austrália, cujo nome escreverei depois para Isabel. Almocei bem. Fui com a Isabel à condessa e depois ao observatório da Califórnia. Que belo panorama! Agora aí está Seibold.

10h 10' Traduzi Isaías, depois continuarei a ler a edição que ele fez da arte guarani de Restivo. Jantei bem e tenho conservado *[sic]* no salão e na sala do Muritiba. Acabo de despedir-me de todos e amanhã vou ao hotel da condessa para esta cuidar-me das mãos. Vou ler ainda, tendo já tomado chá na sala do Muritiba e vou deitar-me; ler um pouco e dormir.

25 de janeiro de 1890 (sábado) – 6 menos 5'. Dormi bem mas levantei-me algumas vezes para urinar. Já estou lendo.

8h $\frac{3}{4}$ Li o belo livrinho de J. Simon sobre Michel Chevalier ambos meus muito conhecidos pessoais. Vou vestir-me para a ducha.

10h $\frac{1}{4}$ da noite. Depois da ducha fui acabar de ver a exposição. Visitei a condessa, que me curou as mãos. Almocei bem; li alguma cousa e fui com a Chica a Mougens subindo a torre. Na volta traduzi ainda “As mil e uma noites” do árabe com o Seibold. Jantei bem tendo-o feito com a Januária e o filho Luizinho. Conversei depois com as pessoas que jantaram. Tive a visita de um legitimista morador de Nice que deu-me informações curiosas dos Chambords e do que houve por ocasião da reconciliação dos dois ramos família real de França. Vou ainda ler e dormir.

26 de janeiro de 1890 (domingo) – Faltam 10 para as 4 e já vi cartas. Vou ler.

8h $\frac{3}{4}$ Acabo de ler o interessantíssimo discurso de Jules Simon sobre Michel Chevalier. Vou vestir-me.

1h Boa ducha. Vim para a missa onde encontrei a Chica e ao sair a condessa que lá estava. Almocei bem. Li, escrevi e vou dar um passeio até Esterelle convidando a condessa e filhas a acompanhar-me.

6h 5' Não pude chegar ao Auberge-des-Adrets que apenas visitei de longe. Foi passeio muito agradável. Ao apagar-me no hotel quase que caí. Felizmente não me machuquei e já tomei uma xícara de café. Recebi cartas de Mme. Marjolin de 22 a que respondi há pouco.

11h 25' Jantei bem e tenho conversado. Agora escrevi a Liégeard pedindo-lhe o soneto que lhe mandei com tradução francesa interlinear, à morte da minha Santa. Vou deitar-me, e ler um pouco até dormir.

27 de janeiro de 1890 (2a fa.) – 7 menos 5'. Passei a noite bem mas tenho as mãos bastante presas.

12h 20' Almocei bem. Antes fui à ducha. Andei a pé, indo à condessa. Tive lá grande revolução intestinal que muito me aliviou. Gliecinou-me *[sic]* as mãos. Ainda dei um passeio de carro até horas de vir para casa. Acabo de ler o discurso de Mazade que não é mau em resposta ao belo de recepção na Academia Francesa de Jurien de la Gravière. Vou agora sair tomando a condessa no seu hotel.

4h 20' Volto do passeio com a condessa e Amandinha, o marido desta e Mota Maia. Fui a Mont Cassin e depois a uma Vila para a qual queriam que eu fosse, mas em viagem só gosto de hotel. A condessa não ficou satisfeita com a minha decisão.

10h 5' Acabo de tomar *[sic]* no salão da Tosta *[sic]*. Antes do jantar traduzi a Odisséia, e continuarei a ler a Arte Guarani de Restivo, de que tenho falado. Jantei bem e depois conversei no salão. A condessa está zangada comigo sem razão. Recebi carta de Arau *[sic]* Gondim de 1º de janeiro dando-me pêsames pela morte da Imperatriz. Escreveu da rua Silveira Martins, 68 Corte. Vou ler deitado e dormir.

28 de janeiro de 1890 (3a fa.) – 8h 20' Já me levantei com desarranjo de intestinos. Estou enfim assentado a ler. Quase que acabei os discursos da inauguração em Alais da estátua de J. B. Dumas. Vou à ducha. Dia encoberto.

11h $\frac{1}{2}$ Dei meu passeio pela praia e vim para a missa, de onde estou de volta. Os intestinos ainda estão desarranjados.

4h $\frac{1}{2}$ Volto do bom passeio a Napoule com a Mana Chica. Vou estudar com o Seibold.

10h $\frac{1}{4}$ Traduzi Isaías e continuei a ler a edição da Arte guarani de Restivo. Jantei bem. Tenho estado a conversado *[sic]*, havendo tomado chá há pouco. Vou ler ainda deitado e dormir.

29 de janeiro de 1890 (4a fa.) – 9h 20'. Acordei às 6h $\frac{1}{2}$. Tenho estado a escrever cartas em resposta. Acabou de estar aqui a Mana que veio dizer-me que por causa do tempo enevoado não vai ao Mont Vinaigre. Vou vestir-me.

11h 5' Boa ducha. Andei a pé e depois de carro até St. Charles e achei a Isabel com a condessa. Combinamos sobre a

residência futura. Aguardo lendo aviso para o almoço.

11h 25' Almocei bem. Escrevi a d. Américo cardeal bispo do Porto, mandando-lhe minha fotografia com meus agradecimentos de tudo que fez pela minha Santa.

1h 40' Vou sair tendo lido as notas do Elogio de Dumas por Armand Gautier da Academia de Ciências na inauguração da estátua daquele em Calais.

4h Volto. Fui em companhia da condessa até perto de Antibes. Vou agora a meu estudo com o Seibold.

10h ¼ Traduzi Isaías. Continuei a examinar a edição da Arte Guarani do Restivo. Jantei bem. Conversei com as pessoas do costume até a saída da condessa. Joguei com Mr. le Riancey que é bom taco. Tomei chá na sala do Muritiba, e vou agora deitar-me e ler até dormir.

30 de janeiro de 1890 (5a fa.) – 7h 25'. Dormi bem. Acordei há pouco e já estou trabalhando. Acabei de ler o discurso de Chauneau que muito me agradou. Faz conhecer e estimar Bonley, cuja estátua erigiram tão merecidamente na Escola de Alfort.

8h ¾. Vou me vestir. 10h 50' Volto da ducha e alisamento das mãos pela condessa que se mostra sempre minha amiga de 40 anos.

12h 25' Almocei bem. Vou ler.

1h 10' Não pude acabar o bellissimo discurso de Vogué sobre Nisard. Vou sair.

4h De volta do passeio até Vallon com a Chica. É muito bonito. Esteve cá a duquesa de Coburgo. Retirou-se porque não pôde chegar à hora marcar *[sic]*. Vou ao estudo com o Seibold.

10h ¼ Traduzi Hitopadeça. Continuei a ler a edição da Arte Guarani de Restivo. Jantei bem. Conversei e acabo de tomar chá. A condessa não veio segundo ouvi por cansada. Vou deitar-me e ler ainda até dormir.

31 de janeiro de 1890 (6a fa.) – 7h 5' Dormi bem. Já estou assentado lendo. Acabei de reler o discurso de d'Haussonville que substituiu Caro na Academia francesa. É muito bom.

8h ¾ Vou vestir-me para ir à ducha.

3h 40' Boa. Dei meu passeio a pé e indo ao St. Charles não achei a condessa que tendo saído com a mana Chica debalde aguardei a volta assentado defronte do hotel. Almocei bem. Conversei, li. Fui passear com a Chica tomando a condessa no hotel até o Golphe Juan. Avistei bem a esquadra francesa de encouraçados fundeada. Andei a pé pela praia e um pouco pelo caminho de volta acabando de chegar ao hotel. Vou à lição do Seibold.

10h Traduzi Homero. Odisséia. Continuei a leitura da edição da Arte Guarani de Restivo feita pelo Seibold. Comparei uma tradução alemã dos Lusíadas com o original. Jantei bem. Conversei com a Chica, o Nemours e a condessa que veio depois do jantar. Acabo de tomar chá e de conversar na sala do Muritiba. Vou deitar-me e ler.

1 de fevereiro de 1890 (sábado) – 6h 10' Dormi bem e já leio. Acabei de renovar o prazer que já tivera creio que em Petrópolis com a leitura da resposta de Jules Simon ao discurso de recepção de Meilhac.

Li na Revue exotique illustrée um artigo, acompanhando meu retrato. É de Edgar la Selve. Li nos Débats de 27 de janeiro a correspondência do Rio de Janeiro que fala da exposição financeira de Rui Barbosa.

10h 50' Boa ducha. Depois vim à pé ao hotel da condessa com quem estive e vou ler Le Monde de 20 de janeiro. Artigo sobre a carta do cardeal de Lavigeru a respeito das doutrinas contagionistas. Marcaram-me porém é de pouco mérito. Societé de Géographie de Paris, sessão de 17 de janeiro.

L'abbé Desgodins depois de ter estado 35 anos nas fronteiras do Tibé volta com o manuscrito de um dicionário tibetano, latino, francês e inglês. Boas notícias da África e da Ásia. Mr. Foumeau na parte setentrional do oeste africano. Subiu o Ogoné até Lapé a 500 km da foz, e dirigiu-se ao norte. Foi excursão de cerca de 1.200 km em 65 dias. Não perdeu ninguém nem deu tiro. De Tachkend recebeu-se carta de Bonvalos de Kourla a 370 km N.N. e de Lob-Nor de onde ele e o príncipe Henrique dirigiam-se ao alto Knicha Kiang ao Yuran e ao Tonkin. Se não houver obstáculos limitar-se-iam, conforme pensa Muller de procurar os vestígios do antigo leito do Tarim que segundo tradições chinesas era o curso superior do Honny-Ho ou rio Amarelo.

1h 10' Almocei bem. Escrevi a Villeneuve. Vou sair.

10h 40' Dei um belo passeio com a mana Chica e a condessa. Na volta traduzi árabe com o Seibold, vi a edição que

este fez da Arte do Guarani de Restivo e comparei a tradução alemã dos Lusíadas com o original. Jantei bem e depois de jogar bilhar com Mr. de Riancey estive conversando. A condessa não veio. Vou deitar-me e ler ainda.

2 de fevereiro de 1890 (domingo) – Pouco depois de 6h. Dormi bem. 8h ½ Escrevi respostas. Agora lerei um pouco antes de vestir-me.

11h 5' Boa ducha. Dei passeio em parte pela praia. Fui à missa já apenas começada e dela volto. Logo talvez vá à condessa para as mãos. Li em Le Monde de ontem um artigo interessante dando notícias da sessão de 3a fa. da Academia de Medicina de Paris em que se tratou do parasitismo contagioso da tuberculose e da gripe.

12h ¾ A condessa veio cá. Almocei bem há muito tempo. Estive com o Dr. Onimus.

5h ¼ Bom passeio até Pegomas. 664 hab. compõem-se de 2 grupos de casas aproximados, mas separados pelo Mourachone afluente do Siagne. Origem recente. É lugar pitoresco. De caminho traduzi o soneto de Rigaud a Lourdes.

A voz de menina que um povo inteiro escuta
Pelo templo se eleva, pese aos invejosos,
Cada cidade alça o estandarte à gruta,
Infindo peregrinos ajoelham-se ansiosos.
Sua torre ao longe diz que o fim já desfruta
A gruta milagrosa abre-se para os sequiosos;
A fonte gotejante, outrora, como em luta;
Jorra límpido arroio em regos pedregosos.
Velozes mensageiros rezas a levar
Aves na hera tufada estão-se a aninhar
Só a torrente turba a terra silenciosa.
A velha fé francesa o símbolo recobra,
Cura-se aí a dor, desdita não sossobra
Chega-te ateu, e vê! Deus poderás negar?
Transcrevo o original. Precede-o esta citação.

Quae est vita quae progneditur quasi aurora consurgens pulchra ut luna electro ut sol, terribles ut castrorum acres ordinata – Hei de transcrever quando me tenha vindo do rio a minha tradução do hebraico.

A la voix d'une enfant que tout un peuple écoute
Un beau temple s'élève en dépit des jalouses
Chaque cité suspend sa brunière à sa voute,
Des pelerins sans nombre y tombent à genoux.
Sa flèche annonce au bon le terme de la route;
La grotte du miracle est beauté au dessous
La source qui jadis y coulati goutte à goutte
Jaillit en clair ruisseau sur son lit de cailloux
Messagers toujours prêts à porter la prière
Des oiseaux y font leur nid dans ses touffes de lierre
Le torrent trouble seul le silence du lieu.
Le vieille foi française y reprend son symbole
La douleur s'y guerit, le malheur s'y console
Approche athée, et vois si tu penses nier Dieu.
17 Juillet 1882 Premier President Rigaud.

10h 20' Jantei bem. Conversei com as pessoas do costume. Acabo de tomar chá no salão do Muritiba. Vou ainda ler deitado e dormir. O soneto de Rigaud “A Marguerite” que traduzi há pouco hei de copiá-lo amanhã.

3 de fevereiro de 1890 (2a fa.) – 7h ¼ Já estou trabalhando. Respondi à carta da Branbella neta de Manzoni. Li no Magasin litteraire et Scientifique de 15 de junho deste ano um artigo de L. Backer que tenho conhecido sobre a rainha da Rumânia, Carmem Sílvia onde se fala de poesias dela que não conheço e faz-me pedi-lhas [sic]. O pai ou avô, o príncipe

Neuvied viajou pelo Brasil.

12h ½ Almocei bem. Fui antes à ducha. Depois a pé até o hotel S. Charles onde a condessa tratou-me das mãos. Vou falar ao Villeneuve.

3h 20' Volto do passeio pelo Canet tendo visto ao longe as montanhas que estavam muito belas e debruadas de neve. Andei também a pé e tomei café no Rumpelmeyer havendo aí muita gente; também tocava a música onde não estive, encontrando o Tosta que disse-me a ouvia com a mulher. O dia está esplêndido.

10h 25' Traduzi árabe com o Seibold; interrompendo meu estudo para falar com Mme. Yenesty, nada mudada, irmã do Marreuil que viera com a condessa de Barral. Tornei à lição com o Seibold, continuando a ler a Arte da língua guarani do Restivo. Jantei bem. Joguei bilhar com o Riancey; conversei e acabo de tomar chá na sala do Tosta. Vou ainda ler antes de dormir.

4 de fevereiro de 1890 (3a fa.) – 7h Já me levantei tendo dormido embora acordasse por vezes para urinar. 8h Acabei de traduzir o soneto “L’été” do presidente Rigaud e vou começar o “L’automne”. Hei de copiar tudo junto.

11h Ducha que me soube. Passeio até o St. Charles onde a condessa alisou-me as mãos. Vou traduzir o soneto.

1h ¼ Almocei bem. Questão de vivendas; decidi não sair deste hotel. É difícil viajar com outros. Volto do passeio lindíssimo do lugar Grand Pins de onde se avista o mar, as ilhas Lerins, Vallauris, Antibes e as montanhas debruadas de neve. É um dos passeios mais belos que tenho. Encontrei um grande pic-nic a que apartencia *[sic]* o ministro anglicano meu conhecido da vez passada. Vou estudar com o Seibold.

10h 25' Traduzi sânscrito e continuei a leitura da edição da Arte Guarani de Restivo. Jantei bem. Conversei na sala e acabo de tomar chá na sala do Muritiba.

11h 50' Acabei a tradução do soneto do presidente Rigaud – “A meu cão”. Vou despir-me e deitar-me.

5 de fevereiro de 1890 (4a fa.) – 7h ½ Dormi bem. Ontem no Littoral li que Bokai, professor da Universidade de Klemssenburg descobriu remédio contra a hidrofobia composto de água clorada, água bromada, ácido sulfuroso, hipermanganato de potassa de óleo de eucalipto. Lava-se a parte mordida, depois aplica-se um chumaço de algodão embebido de mistura. Bokai estuda agora curativo interno. Também vi um artigo de La Union de Valparaiso de 17 de 9bro *[novembro]* e da Libertad electoral de Santiago sobre a revolução do Brasil que são muitos justos para mim.

5h ¼ Volto de Frejus com Dória, Amandinha e Mota Maia. Notícia da morte repentina de Monpensier. Vou ao estudo com Seibold. Direi logo o que tenho feito antes e fizer depois. O Roland que foi comigo fez-me excelente companhia e prometeu-me diversos livros que indicou e lhe pedi.

10h ¼ Estudei hebraico com Seibold. Jantei com apetite. Conversei no salão e agora na sala do Muritiba, depois de tomar *[sic]* e daqui a pouco irei deitar-me.

6 de fevereiro de 1890 (5a fa.) – 6h ½ Dormi bem e vou ler. *El estandarte* católico de 18 9bro *[novembro]* de Santiago do Chile traz artigo sobre os sucessos que me parece justo. Em *Le Monde* de 3 li um discurso de Mg. Freppel na sessão da Câmara de 1 a favor da intervenção do clero nas eleições do deputado Soubeyran. Não penso como bispo ao menos no Brasil. Foi invalidada por 291 votos em 496 votantes.

La fête academique Entrega na sessão desse dia com discurso de Bourlleir, presidente do ano passado, da medalha a Barthelemy St. Hilaire por seu 50º ano de acadêmico.

Academia das Ciências. Sessão de 27. Duchartre analisa as observações de Musset sobre a influência dos raios lunares nas plantas. Reconheceu que os caules viram-se para a lua. Parville lembrou a Duchartre que fez experiências em 1860 junto ao equador ao nível do chão. Uma dezena de plantas sempre se viravam na direção da lua cheia ainda que menos visivelmente que para o sol. Parece que os raios actinicos influem mais que os calorificos. Piazzi Smith já achara no cimo do pico de Tenerife que a ação actinica da lua era apenas equivalente à de uma vela a 15 metros. Os actinicos contudo permitem fotografar. Parville observou então em Nicarágua que as sementes germinam mais rapidamente semeadas na lua nova do que na cheia. Bonchard tencionava ler uma nota sobre os micróbios da influenza e mostrar que alguns nossos comensais habitualmente e então parcialmente inofensivos tornam-se perigosos durante a epidemia. Julgava ser essa comunicação mais própria da Academia de Medicina e encontrar-se-á em seu compte-rendu.

Academia das inscrições e belas letras. Sessão de 31 de janeiro. Tratou-se de candidatos. “M. Edison journaliste”

tirado do Harper's Magazine. É curioso.

11h 10' Boa ducha. Vim a St. Charles para o alisar das mãos e combinei com a condessa na ida à Mana Januária em Nice.

35' Estive lendo e vou almoçar.

1h Já comecei o estudo do árabe com o Seibold e logo pretendo dar sessão fotográfica para retratar-me com os companheiros.

6h ¼ Volto de Nice aonde fui com a condessa que ia despedir-se da Mana por retirar-se aquela para Voiron. Estive somente em casa da Mana que pareceu-me melhor alojada na Villa-Taaffe. Fiquei de ir lá almoçar. O tempo esteve sempre bom e gosto muito do caminho.

11h Jantei com apetite. Estive conversando com as pessoas do costume. Tomei chá no salão do Muritiba, acabando de ler a explicação do Maracaju provocado pelo manifesto do Ouro Preto, e agora vou deitar-me, continuar o folheto incluindo o que se publicou por ocasião da distribuição dos Prix-de-vertu do Instituto de França.

7 de fevereiro de 1890 (6a fa.) – 7h Dormi bem. Vou fazer alguma cousa.

11h ½ Li, depois da ducha que me soubera vim à missa por tenção de Montpensier. Acabo de estar com a condessa que me alisou as mãos. São horas de almoço.

12h ½ Almocei bem. Vou ler um pouco. ¾ Vou falar a Liégeard.

3h ¼ Deu-me algumas para ler. Fui depois despedir-me da condessa que partiu para Marselha e daí para Paris e depois para Voiron. Vim ao hotel pensando que Chica sairia comigo, mas não a encontrei. Acabo de voltar, passeando um pouco pelo jardim além do molhe aonde fui a pé. Vou agora a meu estudo com o Seibold.

6h 20' Traduzi árabe e continuei a ler a Arte Guarani de Restivo. Vieram l'abbé Federlin do colégio Stanislas convidar-me para festa do colégio e o presidente Roland trazer-me uma tradução francesa de Apuleu que hei de começar a ler antes de dormir.

10h ¾ Jantei bem. Conversei com o Dr. Charcot e a filha e com a condessa da Estrela, Maia Monteiro, mulher e sogra; tomei chá no salão do Muritiba. Vou deitar-me e ler um pouco de tradução de Apuleu antes de dormir.

8 de fevereiro de 1890 (sábado) – 7h 40' Dormi bem. Dia muito bom.

8h 40' Tenho copiado quase todas as traduções dos sonetos de Rigaud para mandar-lhos. Vou vestir-me.

11h ½ da noite. Ducha, depois passeio pela praia. Missa por alma do Montpensier. Almocei bem, traduzi sonetos do presidente Rigaut [*sic*]. Passei até “Les grands pins” com a Isabel e a Chica. Lição de sânscrito e continuação da leitura da edição da Arte Guarani com o Seibold. Jantei bem. Joguei bilhar com o Riancey. Conversei na sala do Muritiba onde tomei chá e acabo a cópia das traduções que fiz dos sonetos do Rigaut [*sic*], e escrevo-lhe uma carta remetendo-lhe e pedindo-lhe mais poesias dele. Vou deitar-me.

9 de fevereiro de 1890 (domingo) – 7h ½ Dormi bem embora me levantasse para urinar algumas vezes.

12h ¾ Boa ducha. Passeio a pé pequeno por causa da missa. Almocei bem e tenho escrito.

5h ½ Passeio de carro por Garibondi voltando pelo Canet e muito agradável com a Mana Chica. Tenho estado a escrever para conhecidos da Itália afim de dá-las aos Loretos. Falei ao médico surdo mudo Raudin que tem estado de cama.

6h Acabei a última carta ao Tosta para o Loreto levar.

10h 5' Jantei bem. Joguei bilhar com o Riancey. Conversei no salão do Muritiba onde acabo de tomar chá. Vou deitar-me, ler e dormir.

10 de fevereiro de 1890 (2a fa.) – 7h 10' Dormi bem. Vou ler.

1h Boa ducha. Passei pela praia. Almocei bem. Acabo de levar a Chica à estrada de ferro, pela qual partem para Paris. Tenho estado a ler a tradução de “O asno de ouro” de Apuleus em francês de 1745.

4h Fui à estrada de ferro para despedir-me dos Dórias que partiram para a Itália depois de haver assistido à sessão literária presidida pelo Liégeard, mas à qual não assisti ao fim só tendo assistido aos discursos deste, do Roland e a parte do de outros.

10h 10' Antes do jantar traduzi a Odisséia comparando a minha versão à de Mme. Dacier, e continuei a ler a edição da Arte Guarani de Restivo. Comi com apetite. Joguei bilhar com diversos. Tomei chá na sala do Muritiba e vou ler até dormir.

11 de fevereiro de 1890 (3a fa.) – 7h $\frac{1}{4}$ Dormi bem embora urinasse algumas vezes. Vou ler.

10h 50' Boa ducha. Passeio quase até a Croisette. Vou fazer telegrama de pêsames ao Papa pela morte do irmão.

11h $\frac{1}{4}$ Vou almoçar.

10h $\frac{1}{2}$ da noite. Fui à vila de Ormesson para onde foi minha filha com a família. Tem boa vista. Traduzi árabe com o Seibold e li um pouco da Arte Guarani de Restivo editado pelo Seibold. Jantei com vontade. Joguei bilhar com o Villeneuve e tenho estado a conversar com ele e meus companheiros havendo tomado chá. Vou deitar-me e ler até dormir.

12 de fevereiro de 1890 (4a fa.) – 7h $\frac{1}{2}$ Dormi bem. Estou lendo.

8h $\frac{3}{4}$ Tenho lido a tradução do “Asno de ouro” de Apuleus. Vou vestir-me.

10h 40' Boa ducha. Passeio a pé e de carro até a Croisette. Montanhas do lado da Esterelle com muita neve. Na casa da ducha disseram que havia fora 6°.

11h Vou almoçar.

12h 10' Bem. Tenho lido Le Genie Civil de 19 de 8bro [outubro] sobre a ponte da Mancha avant projet de M. M. Schneider e Cia. (Usine du Creusot et H. Hersent), o qual mandou-me Daubrée. Orçamento 380 milhões fr. Pilares – 480 super estrutura metálica; tempo de construção de 10 a 12 anos. 2 milhões de passageiros anualmente entre os portos ingleses e o litoral entre Cherburgo e a Haifa. O tráfego de mercadorias entre a Inglaterra, França, Holanda, Bélgica e a Alemanha foi em 1885 de 14 milhões de toneladas. Se eliminarem as mercadorias pesadas etc. que vão por mar, ficam de 5 a 6 milhões. Além da questão econômica, objetaram o que já fizeram ao túnel submarino, assim como os perigos dos pilares para os navios e os embarços que os trabalhos causarão à navegação, mas como Ch. Tessandier autor do artigo espero que se realizará esta empresa colossal e de tal importância para as oficinas metalúrgicas de França, como para as relações desta com a Inglaterra.

1h $\frac{1}{2}$ Escrevi a Daubrée em resposta à dele de 10. Vou tomar café e sair.

3h $\frac{3}{4}$ Volto do passeio pela Croix des Gardes. Vou estudar com o Seibold.

10h 25' Traduzi árabe e continuei a ler a Arte Guarani de Restivo com o Seibold. Jantei bem. Joguei bilhar com o Augusto que é bom taco. Estive com a Isabel no salão do barão de S. Joaquim. Tomei chá no meu salão depois de despedir-me da minha filha li o artigo do Figaro sobre Salambo, ópera de Rayer cantada em Bruxelas e que muito agradou e vou deitar-me lendo até dormir.

13 de fevereiro de 1890 (5a fa.) – 6h $\frac{3}{4}$ Dormi bem. Estou lendo Apuleus.

8h 50' Vou vestir-me.

10h 50' Boa ducha. Passeio a pé e de carro, por Cannes velha.

10h $\frac{1}{2}$ da noite. Visita do príncipe de Mônaco. Falamos de seus trabalhos sobre a fauna submarina. Ficou de me avisar de quando tivesse alguma reunião em Mônaco de homens de ciências e letras. Dei bom passeio de carro e a pé pela Califórnia e Golfo de Juan sem ser pela praia. Traduzi a Odisséia e continuei a leitura da parte impressa da Arte Guarani de Restivo. Jantei bem com a Isabel e família. Joguei bilhar com o Riancey. Tomei chá na sala de S. Joaquim. Ainda conversei pouco na minha sala e vou deitar-me, ler e dormir.

14 de fevereiro de 1890 (6a fa.) – 6h 35' Dormi bem embora acordasse as minhas vezes para urinar.

1h Boa ducha e passeio a pé pela praia em direção e além do farol passando pelo passeio público, de onde voltei de carro. Almocei bem. Conversei com a condessa da Estrela e o filho Maia Monteiro e tenho lido a tradução do Asno de Apuleus.

4h Passeio: caminho de Grace, volta pelo Canet. Bom tempo e muito me agradou. Li no liv. 9 de Apuleu um conto que parece o de tonel; o marido e o amante de Bocacio. Vou estudar com o Seibold.

8h $\frac{3}{4}$ Isaías e Restivo. Acabo de jogar bilhar com o barão de S. Joaquim que o joga bem. Vejo na tradução francesa do Asno de Apuleu: Ce nom de Sirenes en Phenicien signifie des Chanteuses. Sei que em hebraico – schis schirine – significa

cântico dos cânticos.

10h 20' Tomei chá na sala. Vou deitar-me e ler até dormir.

15 de fevereiro de 1890 (sábado) – 6h 20' Dormi bem. Já estou assentado.

8h 55' Li o Asno do Apuleu na tradução francesa mais hei de ler o original. Tempo encoberto. Vou à ducha.

11h Almoço. Boa ducha. Passeio a pé para o lado do farol e de carro para o do Canet.

½ Acabei de almoçar. Os convivas reduzem. Foram eu, Aljezur e Mota Maia com a mulher. Os netos grandes foram a Nice.

1h Continuei a ler a tradução francesa de O Asno de Apuleus e acabo de estar com o Machado que foi demitido há pouco de cônsul-geral Brasil em França para ser nomeado o Dr. Barbosa!

1h ½ Vou sair.

3h ¼ Cheguei à hora à Vila de Ormesson, mas Isabel apesar do combinado não estava em casa. Antes fui em direção a St. Cassien tendo antes de lá a pé dado um bom passeio.

7h ¾ Vi sempre a Isabel. Estudei com Seibold árabe, e li a edição de Arte Guarani de Restivo. Tardou um pouco para o jantar, porque sem motivo pensavam que eu jantava fora. Antes do jantar estive com o Roland que da parte do Rigault *[sic]* restituía-me a tradução que fez dos sonetos deste e prometeu-me algumas leituras. Jantei bem. Estou à espera de uma visita.

10h ¼ A visita era o marquês de – não me lembro de que. Depois joguei bilhar com o barão de S. Joaquim e o Riancey. Acabo de tomar chá na minha sala e vou deitar-me, ler ainda e dormir.

16 de fevereiro de 1890 (domingo) – 6h 20' Já estou assentado. ¾ Respondi a cartas.

11h 20' Boa ducha e vim a pé à missa a que só assistiu o Nemours. Acabo de almoçar com apetite.

1h ½ Acabei de ler o 2º volume do Asno de Ouro e também do “Demônio ou Espírito familiar de Sócrates”. Vou sair.

3h ½ Fui quase até a Antibes. Tempo feio. Depois de tomar café vou a casa de minha filha para jantar.

4h 20' Não a achei e mesmo a encontrei em caminho indo conforme disse-me Gaston para uma tómbola no Colégio Stanislas. É difícil viajar com quem nos faz perder tempo. O Mota Maia foi dizer-lhe que eu estava aqui, e entretanto lerei.

6h 25' Estive com o Glaziou e Jobert com os quais falei sobre o assunto de que se ocupam e comecei a minha leitura à Isabel de “Luz e Calor” de Manuel Bernardes.

10 ½ Jantei bem em casa de Isabel com todos os netos que estão aqui e as pessoas de casa de Isabel assim como o Nemours. Conversei e saí às 9h. Joguei bilhar com o S. Joaquim. Tomei chá. Vou deitar-me e ler até vir sono.

17 de fevereiro de 1890 (2a fa.) – 6h 25' Dormi bem sobretudo de madrugada. Vou ler o 1º volume de Histia *[sic]* Universal do Riancey.

10h 20' Ducha boa. Passeio menor que de costume. Almoço mais cedo por causa da partida do Nemours depois *de* almoçar conosco, levamos à estação. Daí fui dar meu passeio pela Esterel, até o Alberge des Adrets defronte da povoação deste nome, e daí a pé segui até defronte da próxima povoação. No Alberge des Adrets tomei café que não era bom, e quando perguntei pelo subterrâneo onde Robert Macaire guardava os roubos e as pessoas que matava para roubar a dona do albergue riu-se.

O dia estava excelente. Ainda na volta traduzi árabe e li Restivo, porque o jantar foi mais tarde pela vinda de minha filha. Joguei bilhar com o S. Joaquim que disse fora o carnaval muito brilhante em Nice. Conversei com minha filha, o padre Germaine na sala dos S. Joaquim. Tomei chá no meu salão e vou deitar-me para dormir, o que espero farei, tendo apenas lido.

18 de fevereiro de 1890 (3a fa.) – 7h 20' Dormi bem e já estou assentado. Dia encoberto.

11h Escrevi cartas. Fui à ducha que me soube e acabo de voltar de carro depois de ir a pé até além do farol, e do passeio público. Vou almoçar.

1h Recebi os exemplares encadernados do artigo Brésil, do Rio Branco e já o distribuí por algumas pessoas e pedindo ao Liégeard uma conferência sobre o Brasil a propósito do livro.

1h Vou me agasalhar para o passeio com a Isabel.

10h da noite. Vimos bem as estufas do Solignac e sobretudo a paisagem. Traduzi a Odisséia e li o Restivo. Mandei 2 exemplares de Le Brésil à condessa e a Dominique, pedindo a este que fale desse na sua Revista.

Jantei bem. Joguei bilhar com o Augusto, pois S. Joaquim e a mulher jantaram com a Isabel. Acabo de estar conversando com Mota Maia e Aljezur no meu salão onde tomei chá e vou deitar-me lendo ainda.

19 de fevereiro de 1890 (4a fa.) – 6h ½ Dormi bem e já estou lendo.

8h ¾ Talvez acabe de ler o Journal des Savants depois da ducha para onde vou e agora vestir-me.

11h Boa ducha. Passei a pé pela praia e tomando carro fui a Monchevalier, mas por causa do vento, não subi a torre porém vi a fábrica cerâmica de arte, trouxe alguns objetos para minha filha e netinhos e gozei da vista do observatoire. O dia está magnífico para ir a Nice visitar a Alexandrina. Mandei dizer a Seibold que o estudo é ao meio-dia.

6h 25' Às 2h terminei meu estudo de sânscrito e li a edição de Restivo. Fui para estação e parti com a Isabel para Nice onde visitei a Alexandrina na sua bela vila de Sabron, em cujo jardim passei um pouco e visitei a Mana Januária e agora estou de volta, 6h ½ e vou jantar.

10h 48' Joguei bilhar com o S. Joaquim. Tomei chá na minha sala. Conversei com Aljezur e Mota Maia e vou deitar-me.

20 de fevereiro de 1890 (5a fa.) – 7h Vou ler. Dormi bem.

11h 40' Almoço com apetite. Antes boa ducha, passeio a pé até o mercado e daí de carro pelo Canet. Dia feio.

12h ½ Li anotando a Histoi [sic] du Monde de Riancey.

6h 20' Estudei hebraico e Restivo com o Seibold e escrevi no exemplar que lhe dei do livro Le Brésil o oferecimento em todas que sei e que aprendi com ele. Volto do Colégio Stanislas que sem convites de fora a não ser a família de Mota Maia e a S. Joaquim repetiu sua festa escolar cujo programa junto e que muito me agradou. Agora vou jantar.

11h ¾ Jantei bem. Joguei bilhar com o S. Joaquim, em cujo salão estou com minha filha, tendo se retirado antes Gaston com o Pedro e Antônio não tendo vindo Luís por incomodado. Tomei chá no meu salão. Vou dormir tendo lido deitado a obra do Riancey.

21 de fevereiro de 1890 (6a fa.) – 6h Já estou lendo, mas prefiro traduzir Les Brésiliennes, poesia que recitaram ontem no colégio Stanislas.

7h ½ É homeométrica a tradução e creio que se poderá cantar bem os versos.

11h Anotei a História Universal de Riancey. Fui à ducha que me agradou. Andei a pé e de carro cheguei até a Vila d'Ormesson para saber do Luís que estava de pé mas amarelo. Vi minha filha e os outros. São horas do almoço. Almocei bem. História Universal de Riancey.

4h ½ Volto de meu passeio a Castelleras. Foi de reconhecimento ativo – porque o tempo encoberto só me deixou desejos de tornar a gozá-lo – e passeio, pois descobri que será belíssimo com tempo claro.

9h De volta do passeio estudei com Seibold árabe e Restivo. Jantei bem e acabo de jogar bilhar com o Augusto e o S. Joaquim.

10h 10' Tenho estado [sic] Riancey na sala em que tomei chá. Vou deitar-me.

22 de fevereiro (sábado) – 7h 5' Estou lendo. Dormi mais e bem.

8h ¾ Anotei o Riancey. Vou para a ducha. Tempo feio, e chove um pouco.

3h ½ Almocei bem com minha [sic] e Gaston. Assinei uns papeis forenses. Traduzi o soneto, de Zidler a Colombo procedendo seus Christophe Colomb poème héroïque en quatre actes en vers, que o autor me ofereceu. Acabo de chegar do passeio quase que até St. Antoine de Vallauris aonde não cheguei por estar o caminho mau para o carro até perto da capela aonde não cheguei a pé por estar o caminho enlameado e muito escorregadio.

23 de fevereiro de 1890 (domingo) – 7h Dormi bem as mãos estão um pouco presas. Vou transcrever o soneto de Zidler que este me madou [sic] impresso acompanhando o seu “Christophe Colomb” poème héroïque en quatre actes en vers e que ele dedicou a Jurien de la Gravière e ofereceu-me com algumas palavras e assinatura escritas na primeira página do livro.

Que fais tu, de Colom je façonne l'image
Dans le marbre imortel que l'attendit souvent
Et toi? J'écris sa vie admirateur fervant.
Et toi? Je peins sa flotte à son premier voyage
Tours, de tous pays comme en pelerinage
Nous francissons des flots, marin, reveur savant;
Et pavillon do fête aux mats ailes au vent
L'ancien monde en va porter son hommage!
O terre d'Amerique ô fille de Colomb,
Puis que tu vas bientôt, jalouse de ton nom,
Après quatre cents célébrer sa memoire,
Moi poète de France avant tous s'approchant
Au pied du monument qui s'élève a sa gloire,
Je mets avec amour ma couronne et mon chant.

- * -

Que fazes? De Colombo esculpo-lhe a imagem
No mámore imortal, que o esperou impaciente
E tu? Escrevo-lhe a vida admirador fervente
Todos – de toda a terra – como em pia romagem,
O mar passamos nauta, sonhador, sapiente
Mastros embandeirados, velas ao ar gemente,
O mundo antigo ao novo leva sua homenagem.
Oh filha de Colombo região americana.
Pois que breve tu vais, de sua glória ufana
Depois de quatro séculos honrar-lhe a memória
Ao pé do monumento que alçam sua glória
Eu poeta de França a todos me adiantando
Vou um coroa depor também cantando
Ao pé do monumento que alçam a sua glória.

Vou mandar buscar o poema também sobre Colombo de Campo-amor, que estava traduzindo e a minha versão quase completa do de Granada de Zorrilla e outros livros como as traduções dos Lusíadas que continuava a comparar com o original.

10h ³/₄ Boa ducha. Passeio a pé até a missa. Tempo de sol. Espero a Isabel para o almoço.

1h Tudo bem. Minha filha já se foi. Escrevi a Alphonse Karr sobre seu lindo artigo do *Figaro* "Les Crepusculaires" e pedindo-lhe uma exemplar de Geneviève para minha filha que disse-lhe me lera o artigo do Figaro.

4h ³/₄ A Isabel não tinha saído, e fui com ela ao atelier de Mercier. Vi trabalhos novos dela, não me agradando muito o quadro que ela está pintando e representa uma procissão creio que na Bretanha. Tem branco demais. Minha filha queixou-se e fui à Notre-Dame-de-vie. Caminho quase de cabras, quando saí do carro. Alameda de ciprestes. Num alto. Vê-se bem de uma banda Mongins e do lado oposto um canto do golfo de Napoule.

Mandei a melle. Mercier um dos livros Le Brésil artigo de enciclopédia nova e pedi-lhe que neste inspirasse seu talento artístico.

10h 20' Fui jantar com a Isabel, a quem li antes mais de ¹/₂ hora de "Luz e Calor" do padre Manuel Bernardes, da obra de que tanto gosta por sua linguagem, doutrina e caos tão interessantes em que a apóia. Comi com vontade, conversei e voltei para depois de algumas partidas de bilhar com o São Joaquim tomar chá na minha sala, estando só comigo o Aljezur que deu-me notícia da reunião da sociedade de beneficência em Nice que parece não foi muito interessante. Vou deitar e ler até o sono vir.

24 de fevereiro de 1890 (2a fa.) – 7h ¹/₂ Dormi bem, mas demais por causa do criado. Vou ler. Dia esplêndido.

11h Andei a pé depois da ducha que me soube pela praia além do molhe.

9h da noite. Passeio até Casteleras. Que bela vista! Hei de voltar talvez com minha filha Vi na Igreja uma gravura curiosa representando l'abbé de Rancé com os seus confrades trapistas. Jantei bem, joguei bilhar com o Aljezur e depois com o S. Joaquim, em cuja sala li um trabalho Nouvelle des convertes d'idoles de l'Amazones par P. de Lisle du Drenesie, o qual mandarei a Liégeard com algumas palavras sobre a minha opinião favorável à origem oriental do tupi. Poderá servir-lhe para fazer a conferência que lhe pedi sobre o Brasil.

10h 10' Já tomei chá na minha sala. Antes de deitar-me vou copiar estes versos que não pude dar à Isabel com o raminho de violetas que aí está – mas esquecia-me que li na sala de S. Joaquim um artigo num jornal creio que de Roma sobre a revolução no Brasil e que mandou o Bizzio. Não está mau.

Raminhos de violetas
São quase diárias gazetas,
Que te levam, e sem petas,
Nem giro de carapetas,
Saudades que são muletas
Dos anos que sem tretas
Não sugam mais boas tetas
Nem deliram por cruzetas,
Que veem, só, sem caretas
Dos cadáveres nas gretas
Tratando de bons patetas
Os que vaidade, tu encetas
Quando mui breve os sufetas
Dir-te-ão, oh homem, o que afetas,
E por isso, bem acarretas
Vaias que, oh sábio, decretas
Vou passear e a completas,
Terei mais rimas em etas;
Porém, se de ânsia te espetas,
Direi que de castanhetas,
E sacudindo as pernetas
Não anda a musa em saletas
Qual na rima em suas betas
Não se acham sempre palhetas,
E o cérebro cacetas,
Sem que poesia aí metas.

Vou agora 10 ½ deitar-me e ler ainda a História Universal de Riancey. Primeiramente li carta de Daubrée de 18. Antes de sair hoje a passeio conversei com o Saige que prometeu-me algumas obras e deu-me informações sobre esta costa do Mediterrâneo que conheceram até os antigos egípcios.

23 de fevereiro de 1890 (5a fa.) – 7h Dormi bem e já estou assentado a ler. Dia bonito. Já enviei à condessa meu diário até hoje e à Isabel o raminho de violetas e versos em etas de ontem. Vou ler a História Universal do Riancey.

4h ½ Boa ducha onde vou lendo Au Maroc é de Pierre Loti. Dei meu passeio a pé pela praia além do farol. Voltei de carro para o almoço. Estudei árabe com o Seibold. Fui ao Collège Stanislas onde vi meus netinhos maiores, e assisti a todas as aulas do dia, encontrando o Antônio com o Gaston ao sair de lá. Vou mandar o raminho de violetas à minha filha com estes versos.

Aí te vão mais floretas
Custam-me suas gorjetas,
Porém pinta-me paletas
Com as côres que em bocetas
Oh amizade, tu injetas

De mais perfumes repletas,
Que não murcham e são diletas
Quanto mais sejam provetas
E a que disparam quais setas
Aspirações e em retas
Quando elas são mais corretas,
E não sensações concretas,
Com que oh corpo nos infectas
Que enfim nos são abjetas.
Recebe pois das coletas
A de hoje, que outros projetas
Oh sentir, tu me completas,
E nunca trazes secretas
As idéias, que trajetadas,
Sejam tristonhas ou letas
A outra, tu que as interpretas
E vistos os carapetas,
Passo um dia tal sem gretas
Onde, oh sol, sem nuvens pretas,
Brilhas sem eu usar tretas
De explicar como intrometas
Dia escuro, que remetadas
A quem à saudade submetadas.

10h $\frac{1}{4}$ Minha filha veio jantar aqui. Comi com apetite. Desci com ela ao bilhar. Joguei com o S. Joaquim, em cuja sala estive com minha filha. Tomei chá na minha sala, tendo-me depois despedido de meus grandes e vou agora deitar-me.

26 de fevereiro de 1890 (4a fa.) – 7h 40' Não dormi mal, porém tenho as mãos muito presas. Vou ler.

11h 40' Almocei bem, que a ducha e o passeio sobretudo de carro do tempo predisuseram-me.

1h $\frac{1}{2}$ Estive fazendo versos para minha filha e daqui a pouco irei passear de carro. Tempo encoberto.

3h $\frac{1}{2}$ Bom passeio para o lado da Califórnia. Antes mandei à Isabel os versos que transcrevo. Ficaram; ela não estava em casa. Ao voltar encontrei de carro a princesa Czartoryski, irmã do Gaston com a senhora que costuma acompanhá-la. Vou ao Seibold. Copiarei os versos logo.

8h 50' Traduzi a Odisseia. Reli a Arte Guarani de Restivo. Jantei com vontade. Joguei bilhar com o Aljezur e depois com o S. Joaquim.

Se não te mando violetas,
Queixa-te das maretas
Que o mar puseram cachetas
Com que, oh Doutor, te inquietas
E eu de não dar pesetas
À Criança quase em muletas,
Visse embora, quais vedetas,
Falsos pobres, quais chupetas.
Mas logo te vão rosetas,
Não dos da terra cometas,
Na vaidade se atletadas
Mas colhidas nas valetadas
Que são suas próprias jarretadas
Guarda-as tu bem nas saletadas,
Se de mim o dia longe encetadas,

E contudo te encasquetas
Que está perto quem aquietas
Com tuas pupilas eretas
E as carícias discretas,
Em que ardor novo me injetas
Mas de nuvens as barretas
Não prendem onde em carretas,
E só quem traga calcetas
Não move agora as pernetas.
Mais estes e até amanhã!
Se de manhã as roletas
Das vagas forem diabretas,
E em bravura não obsoletas,
Tocando bem cançonetas
Talvez eu cale as tombretas
Da Musa e as deixe capetas
Bailar com as suas venetas,
Pois tenho também tinetas,
Como todos os poetas.

10h 8' Tomei chá na sala, presentes Aljezur e Mota Maia. Vou ainda ler deitado e dormir.

27 de fevereiro de 1890 (5a fa.) – 6h 25' Dormi bem. Já vou ler – mas respondi a carta do Nioac.

11h Ducha que me soube. Passeio além do farol. Veio a criança das violetas e logo continuarei versos em etas.

Com olhinhos de galhetas,
E perninhas de vaquetas,
Faces roliças maletas
Costelas que são arquetas,
Boca e orelhas bem turbetas
Vem a criança não como etas
Direitos, mas ampulhetas
Perto do mar sem cornetas
Com grancinhas *[sic]* mui corretas
Trazer-me das suas coletas,
E eis para mim rejetas
Rimas de agro perfeitas.

Vou começar minha tradução do Burro de Apuleu.

10 ½ da noite. Mande as violetas à Isabel. Almocei bem. Estudei com o Seibold sânscrito e Arte Guarani. Falei interrompendo a lição com o médico do arquiduque da Rússia e pedi-lhe que viesse estudar comigo o russo que cheguei a traduzir tendo antes passeio de carro pelo observatório da Corniche onde encontrei Mme. de Henessy com os netos Panvilliers, a qual me disse estar a chegar Carlota Mareuil, e por Vallauris, desci a pé até Clement Massier, e da altura do Golphe Juan regressei de carro.

Jantei bem com meus filhos e netos. Joguei bilhar com o Aljezur. Gaston retirou-se com os netinhos ficando Isabel em cuja presença tomei chá, retirando-se logo que os Muritiba chegaram de Monte Carlo aonde foram ao concerto clássico cujo programa trouxeram, parecendo que lhes agradou muito. Vou deitar-me, ler e dormir para o que estou bem disposto.

28 de fevereiro de 1890 (6a fa.) – 6h 5' Sonho de batalha sanguinolenta. Felizmente não sei onde. Já estou trabalhando. E como devo aproveito para meus versos das violetas.

Da memória nas gavetas
Em Londres e Alhures Zuoletas

Cubanas não Lisboetas
Com fala quase de pretas,
Flores cheirando a sargetas
E em torno aos saltos gambetas
Bem junto a mim em masetas
Busquem-me em suaves tardetas
Consolo, como em jaquetas
Goza o povo com as auretas,
Se não acompanhas ginetas
Em passeios a cruzetas,
Aonde o mar nas barbetas
Os fuzila quais baletas
Disparadas das ilhetas
De Bazaine e anacoretas
E em cujo seio arquitetas
Passeio em que o ar não concretas,
Olhando o mar que detetas!
E onde a ilha projetas
Em que ver o curso afetas
Porém eis da água as secretas
Sensações sempre repletas
De prazer em que te espetas
Com esguicho vida pra netas
E a criança? Não haja gazetas;
Que para ela flores são petas
Mas pensas que haja grilhetas
Para as Musas borboletas
De rimas nunca forretas?

11h Boa ducha. Passeio a pé pelas ruas até a missa. Vou almoçar. Está aqui a Isabel que a trouxe da missa.

10h ¼ da noite. Traduzi Apoleu. Estudei com o Seibold como de costume. Passeando antes de carro pelas montanhas minhas conhecidas. Jantei bem. Joguei bilhar com o S. Joaquim e vou tomar chá sozinho com o Aljezur estando Mota Maia meio incomodado e a quem visitei depois de meu jantar no seu quarto. Não é cousa de cuidado.

1º de março de 1890 (sábado) – 6h 20' Dormi bem. O dia parece que ficará bom. Entrando na casa das duchas havia só 4,5° de temperatura.

11h Boa ducha. Passeei a pé pela praia além do farol e voltei de carro.

4h 10' Fiz versos em etas para Isabel que esteve cá e a quem os dei com o raminho de violetas.

10h ½ Estudei com o Seibold árabe continuando a tradução das “Mil e uma noites” e tornei a ler o Restivo. O meu passeio depois do almoço foi por Garibondi voltando pelo caminho de carro de Grace. Jantei com Isabel. Joguei bilhar com S. Joaquim em cujo salão estive com a Isabel e retirada esta, subi e tomei chá. Antes de descer para o bilhar estive com a marquesa de Laqueville e condessa Raoul de Boisbrunet. Conversam bem e aquela prometeu-me poesias suas. Esperava a Mareuil, porém não veio. Vou deitar-me ler e dormir.

2 de março de 1890 (domingo) – Antes de dormir ainda li o artigo de Liégeard acompanhando o de Hippote Lucas em 1872, falando de minha visita à biblioteca de l’Arsenal em que era bibliotecário. No mes- *[sic]* Littoral de ontem vem um artigo sobre tísica. A epidemia de gripe a *influenza* matou em Paris mais de 5.000 pessoas, mas a tísica mata na média 180 a 200 por semana e a população não cresce normalmente. Sua propagação é por contágio.

O bacilo transmite-se com o ar, os alimentos, ou deposita-se em na superfície de chaga em organismo predisposto por fraquesa hereditária, vida desregrada, ou certas moléstias como sarampão. Pela alimentação adquire-se sobretudo com a

carne dos animais tísicos, por leite de vacas doentes de pommelière.

Nocard em suas inoculações só observou inoculação falhada de 1 em 40. Arlong estabeleceu que as vacas tuberculosas em França são 45.000 mas que por inspeções podem reduzir a 10.000 cuja carne é consumida. Cada uma dará 100 kg de alimentos a 500.000 habitantes de modo a haver 12.000 infeções anuais.

O suco gástrico em 18 a 36 horas de estada no atenua o perigo [sic], mas esse tempo é excepcional. A cocção diminui os casos de inoculação. O bacilo de animais mortos tuberculosos só é perigoso 4 ou 5 dias depois da morte, mas durante esse tempo dá-se o consumo. A destruição dos animais doentes é a única medida eficaz e trata-se do meio melhor de indenização. O leite é muito nocivo às crianças.

Nocard referiu casos demonstrativos. O Dr. Straug observou outro. 4 observações análogas são citadas pelo Dr. Demme de Berna. Há um fato muito interessante observado por Broardel. Num colégio de meninas 4 filhas de pais são morrem tísicas por terem usado de leite de vacas tuberculosas. Dizem que as vacas são mui pouco numerosas nos açougues de Paris mas isto é devido à severa inspeção porém muito freqüentes na banlieue, e em raio considerável.

A diagnose do ubre é muito difícil a principio e cumpre pois, segundo Nocard desconfiar do leite. Cumpre fervê-lo e se dizem que é menos digerível, sobretudo para as crianças, e sem sabor, menos agradável e o fato é discutível.

11h 40' Boa ducha. Fui à Igreja de la Boca parte a pé e parte de carro. Aí ouvi com minha filha a missa; música de Rivoire cantada por coristas creio que da Ópera de Nice. Vou almoçar com a Isabel, que veio comigo.

4h ½ Sai de carro, mas o passeio foi quase que todo sob forte granizo. Joguei depois bilhar com Aljezur e S. Joaquim. Vou continuar minha tradução de Apuleio [sic]. Li um pouco de História do Riancey. Continuando a traduzir Apuleius; deu 5h e vou jantar com a Isabel.

10h 10' Li-lhe "Luz e Calor" do padre Manuel Bernardes. Jantei bem. Conversei e voltei às 9 com muita neve. Estive conversando com Aljezur, Mota Maia e S. Joaquim. Tomei chá e vou deitar-me, ler e dormir. Talvez ainda traduza os versos de A. Karr escritos no exemplar de *Geneviève* que a meu pedido mandou à Isabel.

Comme aux grande monts la neige ajoute un charme austère

La malheur mes aux fronts un nimbe de lumière

Les traites, les ingrats, les lâches, sont dessus,

Leur haine en vous frappant vous grandit et vous donne

Une nouvelle couronne

Une magesté de plus

Fevrier 1890 Alph Karr

St. Raphael – Maison-Close

A son Altesse Impériale

Madame la Comtesse d'Eu

Les habitants de la Ville Chambrun après son auguste et touchants visiste du vendredi 7 Fevrier 90.

Pleurez, pleurez, mes souers: les plus grand de nos rois

A perdu son empire, a perdu plus encore,

L'impitoyable sort lui reprend à la fois

Tout ce que fit sa gloire et tout ce que'il honore

Chantez, chantez, mes soeurs il regarde au delà

Sa compagne est au ciel – son régime est dans les âmes,

Et près de lui se tient pour ramener ses flammes

Son Antigone et sa Cordelie

Ctesse de Chambrun

12h Traduzi. Amanhã copiarei o traduzido. Agora vou ler só para melhor dormir.

3 de março de 1890 (2a fa.) – 6h 25' Dormi bem. Vou ler com luz que aquece. Tudo branco ainda de neve que de noite caiu a valer. Vou já transcrever minhas [sic] as traduções como o aspecto da natureza convida a respeito desta.

Qual neve aos montes dá encantos tão austeros

Desgraça põe na fronte vivos reverberos

Traidores, ingratos, fracos o acabrunhais.

Vosso ódio ferindo-o, exalça-o e lhe doa
Ainda outra coroa,
Esta majestade mais.
Chorai, chorai, irmãs o rei de maior prez
Perdeu o seu império e muito mais ainda
A impiedosa morte rouba-lhe de uma vez
Tudo o qu era sua glória, e sua honra infinda.
Cantai, cantai, irmãs, pois ele enxerga além
No céu sua companheira, e é em almas seu reinado...
E para reanimá-lo está junto a seu lado
Sua Antígone e sua Cordélia.

Três a 4º abaixo de zero e agora 9h menos 5' há 1,5º acima de zero. Traduzi Apuleus e vou vestir-me. Tudo neve indo ao banho. 4º na casa das duchas e são 9h 35'.

11h 10' Volto do passeio a pé pela praia além do farol e depois de carro.

1h Mando as traduções à Isabel com estes versos.

3 de março

Foram-se hoje as violetas!
Tem tudo brancas fardetas,
E treme como vaquetas.
mas não gosto de gazetas
E Karr e Chambrun poetas
Flores são também corretas
Que te levam bem seletas
Carícias de pais patetas
Por filhas que amam discretas.
Vê pois traduções secretas
Qual de modo, em papeletas.

9h da noite. Passeio de carro e a pé; muita neve ainda. Andei pelo Cannel velho; praia até a Croisette. Havia um vapor e muitos barcos a vela na regata. Traduzi a Odisséia e reli o Restivo. Jantei bem e ao chegar do passeio já havia tomado café. Joguei bilhar depois do jantar que me soube com Aljezur e o S. Francisco. Interrompi o estudo para falar à Mareuil e à filha casada. Agradou-me muito a visita. A Carlota Mareuil está bem conservada, e fala melhor português que a filha. Apresentei-lhes meus netos grandes. Agora vou ler até o chá.

10h 20' Tomei-o e estava bom. Vou deitar-me, ler pouco e dormir como espero, e amanhã – novo dia que espero seja melhor para passear.

4 de março de 1890 (4a fa.) – 6h $\frac{3}{4}$ Dormi bem. Dia bonito. Vou ler o Riancey que tem me agradado e vou anotando.

11h Boa ducha. Passeio a pé além do farol voltando de carro.

12 $\frac{1}{2}$ Almocei bem. Quase que acabei a versalhada e talvez a aumente antes de mandar o raminho.

Trouxe flores. São vedetas,
Que bem como clarinetas,
Alvoradas, não retretas,
Soam de amor, que não afetas,
Coração e das tuas sinetas
Por mais que, oh dor, acometas
Notas são em papeletas,
Que prazenteira arremetas
E a deixar mal te submetas.
Por em rimas a carretas
São bem como de escopetas

Bulhonas e não bulhetas
Que nos deixam as orelhetas
Bem rubras como planetas
Se não as ameaçam cometas
E imitam igneas rodetas,
E as que são rabinetas
Fazem pronunciar pulhetas.
Venham pois boas arietas
Que ponham almas mansuetas
A minha só a tu a aquietas,
E convém bem as tardetas
Quando oh sol, em casa metas.

4h ¼ Li Riancey. Fui passear. Visitei a condessa da Estrela que me disse que o filho José e a Teresa chegam a 6. Tomei lá café e volto do passeio pela Croix-des-Gardes, Boulevard – Chemin-de-fer e caminho de Pegomas até à Boca de onde vim para o hotel.

9h Traduzi árabe com o Seibold e reli a Arte Guarani de Restivo. Jantei bem com a Isabel tendo antes com o Roland a respeito de livros que ele me mandou como a obra em grego de Lúcio de Patras que originou o Burro de Apeleu. Joguei bilhar com o Aljezur, Augusto e o S. Joaquim e estou com a Isabel no salão do S. Francisco.

La nuit
(valse chantée)

L'ombre descend et dans le ciel immense
A sombra desce e neste céu tão imenso
L'astre des nuits s'allume par degrés
O astro da noite brilha a passos retardados
L'heure est venue en passant en silence
A hora veio em que passam em silêncio intenso
Les spectres noirs et les rêves dorés
Espetros negros e sonhos dourados
On entend – dans le bois
No bosque estão-se a ouvir
On par la clarière
Ou então pela clareira
Des soupirs ou des voix
Vozes que vem carpir
Pleines de mystère
De mistério à maneira
Les Naiades en pleurs
Naiades a chorar
Soulevant leurs voiles
Seus véus levantando
Racontent leurs douleurs
Contam o seu pezar
Aux brillantes étoiles
Aos que estão brilhando
Et tandis que dorment les hommes
E enquanto os homens estão dormindo
Quand au lointain sonne minuit
Se longe meia-noite soou
On voit les lutins et les gnomes

Trasgos e gnomos vêm vindo
Par les sentiers glisser sans bruit
Que trilho sem ruído arrastou
Parfois la source cristalline
Às vezes fonte cristalina
S'égrenant en note argentine
Desfiando nota argentina
Trouble l'écho d'un léger bruit
Turba o eco com leve rumor
Et dans le vallon solitaire
E no vale em que não há viva alma
Comme l'encens d'une prière
Qual imensa de oração calma
Montent les parfums de la nuit
Da noite perfuma o negror.
11h Volto do passeio a pé e de carro até além do jardim para lá do farol.
Apesar de bem longuetas
Poesias, não de patetas,
De manhã como gorjetas
Ter feito, pensando em netas
Aí vão mais a encher maletas
Pedindo doces caretas
Da mais suave das linguetas
Continuo a cópia das traduções depois do almoço que se soube; às 11h 40'.
C'est l'heure où deux se font en promenades
Hora é que dois a dois se dão muito bons passeios
L'heure où les amoureux chantent leurs serenates
Hora em que os amantes cantam devaneios
Vois l'ombre et le mystère
Vê o mistério e o sombrear
Pour nous seuls ont fait taire
Para nós fazem clarear
Au ciel et sur la terre
No céu e a terra a girar
Tous les vains bruits du jour
Do dia vão ruído traidor
Ah! Ne sois pas rebelle
Ah! Não sejas zombadora
A ma voie qui t'appelle
De minha voz chamadora
Car je veux, oh ma belle
Quero-te, oh encantadora
Te conter mon amour
Referir-te meu amor
Viens oh ma bien aimée
Vem pois, oh minha muito amada,
La nuit est embaumée
A noite é embalsamada
La brise parfumés

E a brisa perfumada
D'enivrantes odeurs
De inebriante odor
Ah ne sois pas farouche
Não sejas enfezadinha
Si mon amour te touches,
Se meu amor te avizinha
Que je vois sur ta bouche
Que eu perceba em tua boquinha
Un sourire enchanteur
Teu sorriso encantador
L'aube parait et dans le ciel immense
No céu imenso vem surgindo a alvorada
L'astre des nuits s'efface par degrés
O astro da noite vai-se a passos bem regrados
Les bruits joyeux succèdent au silence
Segue o silêncio alegre barulhada
Voici le jour, adieu rêves dorés
Eis o dia e adeus sonhos dourados.

J'aimais Pierre aussi
(romance)

Quand sur la bruyère
Se na capoeira
Nous causons le soir
À tarde e a falar
Près de toi c'est Pierre
De Pedro parceira
Que l'on voit l'asseoir
Te vejo assentar
Si vive et légère
Se viva e ligeira
Tu veux t'élancer
Tu queres pular
Ah c'est encore Pierre
De Pedro parceira
Que te fait danser
Te vejo dançar

Danse, Marguerite,
Dança Margarida,
Moi je pleure ici
Que eu já choro aqui
C'est que me petite
É que eu, oh querida,
J'aime Pierre aussi
Amo Pedro e a ti

Lorsque le dimanche

Se em dia feriado
Sur ton corset blanc
No traje alvacento
Une fleur se penche
Botão inclinado
Et s'effeuille au vent
Desfolha-se ao vento
J'ai souvent vu Pierre
Eis Pedro à carreira
Souivre l'oeil reveur
A olhar cismador
La feuille légère
A folha ligeira
Qu'il vit sur ton coeur
Que viu em ti seu amor

Danse Marguerite etc.

Fiancés et fière
Noiva ensoberbecida
Et ton Pierre au bras
Pedro ao braço teu
Hier au soir ma chérie
Ontem à tarde, querida,
Tu passais là bas
Ias qual no céu
Pierre pour la vie
Pedro por sua vida
T'offre son amour
Oferece-te amor
Donne lui ma mie
Dá-lho teu estremecida
Le tien sans retour
De perda sem temor

Danse, Marguerite
Dansa Margarida,
Moi, je meurs ici
E eu morro aqui
C'est que ma petite
Pois, oh, apetedida
J'aimais Pierre aussi
Pedro eu amava assim.

9h ½ Fui ao sermão do cônego Poirrier no hospício des Petites Soeurs des Pauvres a que assistiu também a Isabel. Foi mediocre. Tendo antes passado pelo Hotel de Califórnia tendo deixado bilhete em paga ao Gran-Duque da Rússia Jorge, e depois vim para casa onde traduzi sânscrito e li o Restivo com o Seibold.

Jantei com apetite e depois joguei bilhar com o Augusto e o Barão de S. Joaquim. Estive no salão à espera de chá.

11h ½ Tomei-o com minhas boas bolachinhas e agora acabei a tradução homeométrica da Vieille Chanson que penso ser poesia da Chambrun. A cópia fica para amanhã e vou deitar-me com o livro e tratar de dormir.

6 de março de 1890 (5a fa.) — Dormi bem. São 7h e vou começar o dia.

Velha canção
(romance)

Achavam-se ambos no vale
Ils étaient deux dans la vallée
Sol em outeiros ia se pôr
Sur les citeaux fuyant le jour
Rouxinol se a folhagem abala
Le rossignol sous la feuillée
Cantava canção do amor
Chantait la chanson de l'amour
Rosa vinha da sua fonte
Rose ventait de la fontaine
Em atros cabelos com lentidão
Mollement sur ses cheveux noirs
Pote oscilava sobre sua fronte
Se balançait la cruche pleine
Que enchia as tardes sem exceção
Qu'elle allait puiser tous les soirs
Pedro lá estava espiando sua bela
Pierre était la guettant la belle
Olhar encantado com emoção
D'un ceil ravi, d'un deil si doux
Que Rosa vendo-o junto a ela
Que Rose le voyant près d'elle
Tremeram-lhe os joelhos de confusão
Trembla soudain sur ses genoux
Rosa tu sabes quanto te amo,
Rose tu sais bien que je t'aime
E mais não pode minha razão
Je ne peux taire plus longtemps
Conter paixão que extrema chamo
L'aveu de cest amour extrême
Dize dize, estou com atenção
Dis Rose dis que tu m'entends
Rosa em silêncio a mim me escutava
Rose écoutait silencieuse
Os olhos belos postos no chão
Les beaux yeux à terre baissés
Rouxinol feliz que aninhava
Dans son nid philomèle heureux
Soltando sua bela canção
Chantait les refrains cadencés.
De repente e perto da fonte
Tout-à-coup près de la fontaine
Baixo o olhar trêmulo o coração
L'oeil baissé le coeur palpitant
Rosa pondo o pote defronte

Rose posant sa cruche pleine
Responde a Pedro, estou com atenção.
E foram três em todo o vale
Ils furent trois dans la vallée
Longe indo o dia da escuridão
Tandis qu'au loin fuyait le jour,
Dizendo inda a folhagem: cale
A redire sous la feuillée
Do amor a velha canção
La vieille chanson d'amour

Ontem de noite li no Figaro de antes de ontem um artigo "L'academie française et La bête humaine de Zola". Já tenho dito que por meu voto não entraria ele no Instituto; não o quero por colega apesar de seu talento que mais avulta pela triste originalidade. Espero que lhe dêem merecida lição. Li em A Nação de Lisboa de 1 a descrição das exéquias feitas pelo cabido no Rio na Igreja do Carmo servindo de Catedral à minha Santa esposa.

12h Almocei bem com a Isabel a quem dei minha tradução da Vieille Chanson (Romance) com as violetas e estes versos.

6 de março

Não foi hoje a corcundeta
Porém moço de jaqueta
Se não trajar fardeta
Que vendeu tanta violeta
Para que extraias com masseta
Suco, que não é peta
Que ponha tua narigueta
A cheirá-lo carapeta
Ou te faça, qual asceta
Ver o céu em tua retreta,
Mas o almoço já se enceta
E a missa fica pateta

4h ¼ Volto da Vila Thuret. Conversei com Naudin e mulher, em companhia de ambos e de Isabel vi todo o jardim examinando as plantas depois de ter gozado de vista esplêndida no alto da casa. Ele deu-me e prometeu-me diversas publicações. Pareceu-me mais bem disposto que da outra viagem.

10h 10' Dei lição com o Seibold de hebraico e reli o Restivo. Jantei bem com meus filhos, netos e netinhos. Depois joguei bilhar com o Augusto e S. Joaquim em cujo salão despedi-me da Isabel, tendo Gastão levado primeiro os netinhos. Tomei chá no seu salão e vou deitar-me e ler.

7 de março de 1890 (6a fa.) – 6h 40' Dormi bem. Dia bom.

8h ¾ Estive lendo o Journal des Savants de fevereiro.

1h 10' Boa ducha. Passeio em parte pela praia além do farol. Acabo de conversar com o meu conhecido de Florença Tcherai, chefe correspondente da Academia das Ciências de Paris. Ficou de mandar-me a nota de diversas obras.

4h Passeio a pé e de carro deixando primeiro meu nome para saber do Grão-Duque de Mecklemburgo. Passeio de carro por caminhos já conhecidos, voltando do Caminho de Grace pelo que leva ao Canet.

Foi um moço de muletas
Que vendeu-me sem caretas
Quando lhe dei pesetas
E até fez suas gambetas,
Que as de criança mais murchetas.
Mas a amizade tem tretas
De dar-lhes cores completas

Que de serviço repletas
Ainda nos são mais letas,
Como diriam sufetas,
Que em Cartago não eram poetas,
Mas saberiam as Pandetas
De sapiência comretas
Chamando a todos patetas
Sem usarem de indiretas
Pois não usavam de capetas
Lançando claro suas setas
Porém basta pras gavetas
E vou ao Seibold com os tetas

8 ³/₄ Traduzi hebraico e li Restivo. Jantei bem. Tenho estado a jogar bilhar. Vou ler e expeço telegrama que faz ano hoje.
10h 20' Acabei de tomar chá. Vou continuar a ler o Journal des savants deitado até dormir.

8 de março de 1890 (sábado) – 7h ¹/₄ Dormi bem. Bom dia.

8h Li no Jornal do Comércio de 8 de janeiro o novo regulamento eleitoral. Não o acho em geral mal concebido. Admite a votar os que saibam ler e escrever, medida que sempre me agrada e dispõe parece-me que bem quanto à verificação dessa qualidade. O deportado ou banido deixa de ser cidadão brasileiro e não se diz que em virtude de sentença. O governo poderá assim influir como quiser.

12h ³/₄ Boa ducha. Passeio ao longo da praia além do farol, onde continuei com o S. Joaquim até o jardim público, voltando depois de carro. A corcundinha trouxe-me o raminho de violetas que mandarei à Isabel com os versos de costume. Almocei bem e estive com a Estrela e o Maia Monteiro. Mandei telegram à Teresa que faz anos hoje.

Um raminho quase peta,
Na forma tem qualquer zeta,
Que apenas flores afeta
É bem de que forma reta
Não possui maledeta,
Como dissera em Gaeta
Quem tanto emprega a escopeta,
Mas em espécie de ancoreta
Ornando tua saleta,
Ser-me-á sempre diletta
A lembrança que aí o espeta
E que longe me caceta,
Se de ver-te a hora é tardeta,
Como no mar barqueta
Se venta, à praia ir enceta,
Pois sempre é sua diletta
Já que o homem não é sardinheta
Que no mar viva em alguma greta
Mas que tremenda tineta!
Parece que a tetraneta
Tocará a clarineta
Canção que não é de chupeta,
Mas antes boa grillheta
A tinir, ou de estafeta
Chicote do ar raqueta
Montando aquele em forqueta,

Rápida a voar palheta,
Que tarde em terra abolheta
É tempo vou à Cruzeta
Das ondas ouvir maretas.

Volto do passeio pelo Canet caminho antigo de Nice e Vallauris. Foi muito belo. Andei bastante a pé.

Vou estudar com o Seibold. 10h 20' Homero e Restivo. Jantei bem com a Isabel. Joguei bilhar com S. Joaquim em cuja sala estive depois com a Isabel e papei bons chocolates. Tomei chá na minha sala presentes Aljezur e Mota Maia e vou deitar-me, ler até dormir.

9 de março de 1890 (domingo) – 11h $\frac{3}{4}$ Acordei às 7h. Boa ducha. Vim à missa que senti não ouvir com os meus. Pedro o maior bem tê-la [sic] ouvido comigo. O Augusto não saiu por causa da tosse de que já vou me assustando. Li Riancey antes de sair. Não pude comprar violetas mas fiz estes versos que talvez acrescente.

Não tens hoje violetas
Porque da missa as coletas
Vedam à de costeletas
Frutas antes em piruetas
Ou de carneiro as marretas
Que de espartilho em varetas
De moeda encha as caixetas
Mas elege ótimos poetas
Ou prosas muito seletas
Qual “Luz e Calor” corretas
Finas como o ouro em betas
Da noite às horas secretas
Leituras ser-te-ão provectas
De pai às filhas diletas,
E nelas achei detectas
Sensações que aí projetas
Quais jamais abjectas

4h Volto do passeio pela Califórnia – Mon repos – Pins indo até Ruppelmeyer [sic] onde tomei café. Li carta de Daubrée de 7.

8h $\frac{3}{4}$ Jantei bem tendo lido antes até as 6h “Luz e Calor”. Agora enquanto os netinhos se deitam farei alguns versos para a remessa de amanhã.

9h 50' Voltando e breve tomarei chá.

11h quase, continuei versos em etas para as violetas e vou deitar-me.

10 de março de 1890 (2a fa.) – Pouco li ainda antes de dormir, o que faz bem. São 6h $\frac{1}{4}$ e vou começar o dia que está escuro. Ontem comecei estes versos que hoje acabarei mandando com as violetas a minha filha.

D'amanhã para as violetas
Ao pé de quem as cordetas
Da Musa perca as venetas
Traçaram melhor canetas
O que do miolo está em gavetas,
E que somente as jarretas
Não fará dar boas gambetas,
Quase a tocar castanhetas
Luzindo-te quais cometas
Olhares em que interpretas

Doçura com que me aquietas
E que às vezes nuvens pretas
Converte em outras bem letas
Com que vida nova encetas,
E ventura te acarretas,
No mais achando só petas
Como na pátria aos profetas,
E igualmente gazetas
Se não as tiras das gavetas
Não as respondo limpetas
Ou não as goza de chupetas
Do estudo, ao deixar saletas
Com as pálpebras repletas
De sono a abrir só gretas
Mas não é a hora que decretas
Oh ducha vir violetas
Saudar-me ao mover pernetas
Pelas praias inquietas
Florejando de espumetas.
Mas horas são de retretas,
E da cama as taboetas
Convidam-me quais banquetas
De sonhos doces – de petas,
E fora só de patetas
Não chupares essas tetas
Se mais reais não acometas
E a criança quase a piruetas
Talvez por duvidasetas,
Qual da ducha às repuxetas,
Estudando suas manetas
Já conta que aí lhe metas,
Com que sempre bolachetas,
Que as outras façam rabinetas

4h ¼ Almocei bem depois de ler Riancey. Depois tive visita de um holandês que me viu em Holanda e cuja conversa pouco me interessou e que aproveitei para fazer que me procurem os seus patrícios distintos que apareçam por aqui. Mande as flores à Isabel. Fui passear a Mandelieu. Agradou-me. Junto folheto que dá notícias do local.

10h 10' Traduzi do árabe "As mil e uma noites" e reli Arte Guarani de Restivo. Jantei bem com a Isabel, porque amanhã vamos almoçar com a Mana Januária. Joguei bilhar depois do jantar com o Joaquim em cujo salão estive depois com a Isabel e depois da saída desta tomei chá na minha sala. Vou ainda ler e dormir. Talvez ainda traduza Apuleu. O holandês que me visitou hoje é o barão V. de Constant Rebecque que habita o Hotel Continental.

11 de março de 1890 (3a fa.) – 6h Dormi bem. São anos da Mana Januária sempre a melhor de nós três e a mais infeliz.

2h 35' Em vagão para Cannes e acabei a tradução da poesia do Naudin. Depois de logo continuá-la tomei minha ducha e fui a pé para a estação. O almoço foi muito agradável. Éramos Januário e o filho mais velho, Isabel, Mota Maia e eu. Depois de almoçar conversei e passei a pé indo à estação.

4h ½ Vou para o Seibold tendo antes ouvido o Domenico P. Dumas pregar sem nada de notável sobre a Esmola na Capela que é pequena das Auxiliatrizes du Purgatoire chemin St. Nicolas perto do Hotel Central.

9h 10' Lição de hebraico e leitura da Arte Guarani com o Seibold. Jantei bem. Joguei bilhar com o Aljezur e o S.

Francisco. Também estive conversando com o oficial da Marinha de guerra francesa em retraiete conhecido do Nioac cuja falta de cartas admira-me.

10h ¼ Acabei de tomar chá assistindo Aljezur e Mota Maia e pouco demorando-se meus netos grandes que se despediram. Estou com muito sono e muito pouco lerei.

12 de março de 1890 (4a fa.) – 7h 10' Dormi bem, porém levantei-me diversas vezes para urinar. Já vou ler depois de escrever ao Daubrée.

11h ½ Ducha boa. Passeio a pé. Comprei violetas no mercado das flores. Fui à Vila d'Ormesson ver o Muritiba já de pé mas de cara doente. Combinei encontro com a Isabel e passeio a Chatelarat.

12h ½ Almocei bem. Já fiz estes versos que não me agradam bastante para as violetas.

Hoje foi de lagrimetas

A cena das violetas

Que da polícia os vedetas

Vedam essas taboetas

De provocar esmoetas

E assim quase as linguetas

Tenho eu minhas gazetas

Que era o nome de venetas

Moedas, custo de folhetas

Vendidas nas lagunetas,

Das duchas bem frigidetas

De dama um dos Pigafetas,

Que em direções bem diretas

Não acham ilhas infectas

Pegaso inferno antes barquetas

Me conduzem às praietas

Onde há tantas às piruetas.

5h ½ Volto do Chatelarat tomando e deixando Isabel em caminho depois de havermos admirado juntos a esplêndida vista.

10h 50' Estudei árabe e Arte Guarani de Restivo com o Seibold. Recebi a Marueil e a filha que partem de Cannes pedindo-me aquela a minha fotografia. Jantei bem. O José Estrela ficou de vir depois do jantar dele e então conversei bastante quando voltou, jogando também bilhar com ele. Teresa virá amanhã ao meio-dia. Tomei chá, continuei, mas pouco, a tradução de Apuleu, e vou deitar-me e ler o Riancey até dormir.

13 de março de 1890 (5a fa.) – 6h 50' Já escrevi à condessa. Bom tempo. Dormi bem.

12h 20' Boa ducha. Passeei a pé até o jardim, em que ainda andei, além do farol. Almocei bem. Vou mandar às violetas à Isabel com estes versos.

Das duchas junto à caseta

Trouxe-me hoje muito capeta

Ramo, qual só uma violeta

A menina jucundeta

Sem ter medo da corneta

Da polícia zangadeta

Que vencedor acometa

A polícia na estradeta,

Deixando qualquer peceta

Fazer a tua veneta

Mas o mundo é uma roleta

Onde só a sorte não é peta

O que prova a quem não é pateta
Que é do homem o céu a meta
Sem louvar o anacoreta
Que num buraco se meta
Como o esculápio a lanceta
Sem servir traz em gaveta,
Ou o soldado a baioneta
Põe na ponta uma masseta
Pois é gente que só afeta
Estar no mundo discreta
Mas a ele não é diletta
E labirinto de Creta
Faz tudo em que se intrometa.

Esteve cá a Teresa Estrela com o marido. Achei-a magrinha.

4h Dei um passeio de carro e a pé pela “Ville des Cotiers”. Caminho à esquerda até a estrada de Antibes, por junto do Hotel Métropole, lindíssimo.

Li artigos em Il Commercio di Genova de 18-19 de dezembro e 2-3 de janeiro sobre a revolução do Rio – Foram escritos em Buenos Aires a 24 de novembro e 8 de 10bro.

10h 20’ Minha filha, Gastão e netinhos jantaram aqui. Estes retiraram-se antes. Minha filha esteve no salão do S. Joaquim e eu lá a acompanhei, até ela ir-se embora, e eu subir para tomar chá presentes Aljezur, Mota Maia e o Augusto tendo-me antes despedido do Pedro. Não é muito favorável mas espero obter dele a conferência sobre o Brasil baseada nas publicações que lhe mandei. Já tenho o livro que me mandou Mr. de Quatrefages e começarei a lê-lo amanhã.

14 de março de 1890 (6a fa.) – 7h Eram os anos da minha Santa. Ninguém imagina a falta que me faz! Acho-me incompleto. Vou responder ao Liègeard e espero que faça a conferência sobre o Brasil.

10 ³/₄ Ouvi missa rezando por minha Santa. A ducha foi boa e li como de costume vindo a pé e de carro para a missa.

12h Almocei aqui com a Isabel e vou dar-lhe as violetas com os versos.

Veio a criança de roupeta
Porém quase circunspeta,
E um raminho qual violeta
Me oferece a sgranzziatta
Que o italiano é língua adjeta
É útil é que a intrometa
Na poesia, a que me submetta,
Se aí navego qual corveta
Saindo-me aliás grisetta
Que tenta imitar donneta
Mas não arrio a flamuleta;
Pois não sou na arte maneta
E mal Pégaso é gambeta
Faz-me do corpo mofeta
Que antes pondo-lhe eu seleta
Pelo ar levar-me uma seta
Qual Borak a seu profeta.

3h ³/₄ Vindo da missa o presidente Roland deu-me o tomo da tradução de Lucien de d’Ablencourt de 1694 em que vem a do Asno. Li Riancey. Volto do passeio com a Isabel até Notre-Dame de la Garoupe. A vista é esplêndida. Hei de voltar um dia não encoberto.

10h 10’ Traduzi a Odisséia e reli Restivo com o Seibold. Depois de jantar que sempre me sabe bem, estive com a Mareuil e a filha. Prometi-lhe a minha fotografia. Não pude jogar bilhar porque estava cheia a sala. Li no Magazin

Pittoresque de 15 de janeiro um artigo de Guignet “Le Brésil et l’empereur Don Pedro d’Alcântara”. Traz estampas vistas de Petrópolis e o meu retrato. Recebi convocação da sociedade de Estatística de Paris para a sessão de 19, com as contas e orçamentos. O Littoral de hoje traz a notícia da distribuição de prêmios da sociedade de Proteção aos Animais em cujo ato Aljezur representou-me. Tomei chá como de costume. Vou deitar-me e ler até dormir.

15 de março de 1890 (sábado) – 7h Dormi bem apesar de levantar-me às vezes para urinar. As mãos estão bastantes presas. Li Le Littoral de ontem. Dia encoberto. Estou acabando de ler o Magasin Pittoresque de 15 de janeiro. Artigo curioso (La Neige). Pelo aspecto da massa de neve pode-se saber o frio. É como que termômetro. O artigo sobre os poetas Roberto Browning e sua mulher. Fiz mandar vir suas poesias. Também notei para fazer vir outra “Les voyageurs anciens”.

7h 40’ Respondi à carta do Nioac de 12.

8h $\frac{3}{4}$ da noite. Dr. Livet d’Aix les Bains que se ocupa de uma obra sobre palavras usadas por Molière. Fui com minha filha ao belo Ettenroc [*sic*] que foi de um holandês Corneillen anagramado o nome, e hoje de um inglês Willis. O mar não estava calmo e por isso o lugar era mais pitoresco ainda. Tomei aí café e como apareceu Naudin, ainda tomei café na vila Thuret.

Estudei com o Seibold árabe e guarani. Jantei bem. Depois estive com os Estrelas até as 10. Tomei chá e deitei-me para ler Riancey até vir o sono.

16 de março de 1890 (domingo) – 7 $\frac{1}{2}$ Estou a escrever este resto do diário desde 4h que acordei, mas a mão está enferrujada.

Transcreverei os versos das violetas que pelas circunstâncias irão com as de hoje e seus versos.

Esta massa assaz grandeta
Da flor que nos acarreta
Cheio que os maus desinfeta
Ofereceu-me a gambeta,
Bem se sabe, por gorjeta,
Sendo sempre minha meta
Dá-la à filha tão diletta
Que, de contente, a espeta
No corpinho de saieta
Ou coloca-a na jarreta
Perto da janeleta
Para que sempre frasqueta
Vai-lhe alegrando a saleta
Mas que é tarde diz a sineta
E as horas que a baeta
Eu largar para a ducheta
Buscando de outra a grilheta
Irão ambos em cruzeta,
Se não alvorada leta
Também não com a retreta

11h $\frac{3}{4}$ Boa ducha. Vim de carro à missa por serem horas e o tempo chuvoso. Já almocei depois de ter feito exercício no bilhar tendo a Isabel aparecido durante o almoço.

1h Estive com o Villeneuve.

Vou mandar os dois ramos com os versos.

Por tudo o que se arquiteta

E na testa a cacholeta

Busco mais rima em eta.

Tudo a Musa me dejeta

Nem mesmo a amizade a infleta

E a paciência me caceta
Qual no tear naveta
E dura qual uma beta
Não tem a inteligência greta
Pra do vulcão a mofeta
E a corcunda na estradeta
Deu-me cheiro em violeta
Mas de rima só gazeta
De modo a talvez careta
Fazer eu à estadafeta
Como vou jantar, melhor é levá-los.

4h 10' Passei de carro pelo Canet. Tomei café no Ruppelmeyer [sic] . Havia só duas pessoas. Fui até a Croisette sempre bela com suas manchas de arminho.

4h ½ Li um artigo do Figaro sobre Renan. Não vale o que promete o título.

9h ½ Li a minha filha "Luz e Calor". Jantei bem e conversei. A sala do bilhar está cheia de gente. Vou ler e tomar chá.

10h 20' Despedi-me ao chá de meus netos grandes que aí estavam com o Maia Monteiro e do Aljezur e Mota Maia, e vou deitar-me ler até dormir.

17 de março de 1890 (2a fa.) – 6h ½ Dormi bem. Tempo encoberto. Choveu muito de noite. Vou ler o Riancey.

12h 20' Almocei bem e o tempo melhora. Vou mandar as violetas com os versos.

Vai o raminho de chupeta,
Que forma só a violeta
Saudar a cara filheta
Que o pai ama qual pateta
E aos netinhos também meta
Em perfume a narigueta
Se a lição foi sabideta,
E não andam qual borboleta
E só vaguear na vileta,
Esquecendo a caderneta
Pois vida que bem enceta,
É que a velhice tem leta
Porquanto a que é de gazeta
Toma-nos tudo peta,
Fazendo o mundo careta
A quem no sentir traz jaqueta
Ou antes tem-no de retreta
Mas já o sol o céu deteta...
Vou passear, mas a seleta
Companheira não obleta.

12h ¾ Acabo de despedir-me do Villeneuve.

4h ¾ Fui a Garibaldi, onde a Lady inglesa mãe da que é dama da rainha acompanhou-me no passeio que dei pela belíssima vila com vista para o mar e as montanhas do lado de Oribeau. Voltei pela Bocca. O dia não esteve bonito mas a excursão foi lindíssima.

Estudei com Seibold árabe, enquanto estive com ele procurou-me a Isabel.

São horas de jantar. 9h ¼ Comi com apetite. Joguei bilhar. Conversei com Liégeard que me trouxe as suas poesias e com quem falei um pouco sobre a língua geral dos caboclos e só estará pronto para a conferência sobre o Brasil de sábado a oito dias. Pouco joguei mais. Tenho estado a ler o Journal des Débats de 17 onde vem um artigo [sic] a conferência de Berlim e a "Semaine dramatique" que nada tem de notável, mas artigo curioso "La brigade des pompiers de Londres" é

interessante.

10h 20' Conversei ainda. Estou já deitado lendo Riancey.

18 de março de 1890 (3a fa.) – 7h Está o tempo feio e chuvoso.

11h Boa ducha. Dei meu passeio do costume indo até além do farol. Sei agora que a dona da vila em Garibondi era Lady Alfred Paget. Lembrou-me muito da filha, dama da rainha em cuja casa estive em Londres ou vi em casa de Lady Holland.

12h ½ Almocei bem. Li Riancey. Vou mandar as violetas que não comprei à aleijadinha. Foram bonitos ramos que minha filha há de gostar assim como dos versos.

A falta da aleijadeta

Valeu-te mais violeta

Comprado na taboleta

De flores junto à praieta

Mas só há falta da muleta

Da rima que é aí só o poeta,

E que a achar tanto me inquieta

Trepando de Pindo a veta

Italo termo, e eu o acometa

Não achando a galgá-lo treta,

Embora toque trombeta,

Que só ilude o pateta

Como cores em paleta

Não fazem pintar nem um zeta,

Nem músico é corneta

A badalar, qual sineta

E por isso é bom que meta

No saco ruim clarineta,

E, embora zangadeta

Ache a manhã benedeta

A passear não em carreta,

Mas em landau sem greta

Que à chuva sem medo submeta.

Recebi carta da Imperatriz viúva da Alemanha minha comadre, de 15 de Berlim. Mandando-me um folheto curioso. "School for modern oriental studies established by the Imperial Institute in connection with University College and King's College London. 1890".

1h 40' Li um artigo espirituoso "L'atavisme" no Figaro de 16. Débats de 16 – sessão da Academia das Inscrições e Belas Letras. Curioso. A impressão achada de um loureiro prova pelo tempo da maturidade do fruto que a erupção foi a 23 de 9bro [novembro] e não a 21 de agosto. Os manuscritos de Plínio antigo não concordam entre si nem com o resumo de Dion Cassius na data do sucesso.

4h Fui passear de carro até a Croisette Tomei café no Ruppelmeyer. Chovia; voltei e joguei bilhar até agora.

10 ¼ Traduzi sânscrito e li Restivo com o Seibold. Jantou cá a Isabel. Joguei bilhar até 10h. Tomei chá e vou deitar-me e ler um pouco até dormir.

19 de março de 1890 (4a fa.) – 5h ¾ Já não tenho sono e perto da janela posso ler. Li no Comércio de Portugal de 15 um pequeno artigo sobre a coroa de flores artificiais mandada por senhora do Rio e que foi depositada sobre o ataúde de minha Santa e com esta a inscrição "À nossa virtuosa Imperatriz mãe dos brasileiros".

O dia parece que será bonito. Vou continuar a História Universal do Riancey. Tenho anotado. Vou vestir-me.

11h Boa ducha e fui depois levando as violetas mas ainda sem versos para a festa de S. José no Colégio Stanislas. Cantaram a missa de Gunot – mas não a reconheci.

12h ½ Almocei bem com toda a família.

4h ¼ Depois que se foram li Riancey agora volto de passeio de carro e a pé pela estrada de Napoule. As montanhas têm muita neve. Vou falar ao Franco de Sá e depois estudar com o Seibold.

8h ½ Odisséia e Restivo. Jantei bem. Joguei bilhar com o Augusto e S. Joaquim. Vou continuar o Riancey. Em Le Courier de Cannes de 16 um artigo de M. E. Molyneux (née Fitz-Gerald) sobre Catarina Fitz-Gerald condessa de Desmond que viveu 162 anos. Na idade de 90 subiu a uma cerejeira e caiu curando-se completamente da queda. Teve 3ª dentição e há 3 retratos dela, um pertencente à rainha, o 2º a Mr. Herbert Macross e o 3º por Gerald Dow ao irmão de quem escreve Sir Maurice Fitz-Gerald Knight of Kerry. Uma bela gravura deste último acha-se na vila Springland e embaixo está gravado um resumo da vida da condessa de Desmond.

10h 25' Acabo de tomar chá. Tenho lido o Riancey. Vou deitar-me, ler ainda e dormir.

20 de março de 1890 (5a fa.) – 7h 25' Estou já escrevendo tarde por causa do criado Guilherme que ainda não é bom para mim.

8h 50' Adiantei o Riancey e vou vestir-me.

12h ½ Soube-me e dei o passeio a pé e de carro além do farol. Almocei bem. Vou mandar o raminho com os versos.

Embora já esgravetas

Da rim as fundas gavetas

Pros raminhos de violetas,

Se, oh amor de pai, as acarretas,

Nunca serão incompletas,

E quais trêmulas vaquetas,

Ou ressoantes trombetas,

Irão à filha, entre as diletas

Consolar as orelhetas

Serão, como papeletas,

De amor intenso repletas

E das flores nas urnetas

Voltearão borboletas

Ou iguais a carapetas

Girar-lhe-ão nas mesetas,

Cheia de olor as saletas

Não sendo como manetas

Que não as tocam falaquetas,

Não fazendo até caretas

Que, oh espinho, não as espetas,

Ornando tu capetas,

Ou nas ligeiras roupetas

Menos que tu lindetas,

Mas encher as cadernetas

Não sendo quais pandetas

As frases em si detetas

Não houveram graças que infletas

Mas a outra lista de etas

Está suprida e esta adjetas.

Fico. Isabel vem jantar. Estive com o Dr. Bonnafont da Sociedade de Higiene de Paris com carta do Dr. Pietra Santa pedindo um exemplar do livro Le Brésil para a sociedade. Dei-lhe com dedicatória de minha letra.

5h 6' Volto de belo passeio a Mandelieu continuando pelo Boulevard Jeanne d'Arc em direção a Auribeau, até pararam as obras. Dia excelente, embora a luz faltasse para gozar a paisagem. Vou estudar com o Seibold.

10h ½ Árabe e Restivo. Jantei bem com minha filha, Gaston e netinhos. Joguei um pouco bilhar, e na sala deste

conversei com Daubr e sobre trabalhos científicos, convidando-o para jantar amanhã. Li um artigo assinado F. S. a respeito dos negócios do Brasil. Está publicado numa revista de Portugal. Não me parece mau. Os Tostas chegaram do concerto clássico de Monte Carlo. Minha filha retirou-se tendo-o já feito Gaston e os netinhos. Tomei chá e vou deitar-me e ler Riancey até dormir.

21 de março de 1890 (6a fa.) – 7h 5' Dormi bem. Estou lendo.

8h   Comecei o livro de Quatrefages sobre as raças que é muito interessante e vou vestir-me.

10h 55' Boa ducha e enquanto me fricciono e visto em parte leio o Maroc de Loti. Passeio a p  pela praia além do farol voltando de carro. Le Petit Marseillais de hoje traz uma biografia pequena do Presidente Rigaud de quem traduzi alguns sonetos. Morreu na sua propriedade "La Mignarde" com 76 anos antes de ontem à noite.

12h   Almocei bem e fiz estes versos para as violetas que logo darei   Isabel.

Qual que não tão pequenetas,
S ria, e sem fazer careta,
Vem a criança da violeta,
Trazer ramo que   diletta
Filha dá-lo eu acarreta
Juntando esta papeleta,
Em que me esgrimo poeta
A Musa pondo pateta
Coa tal rima que a esbofeta
Semelhante a escopeta
Que atire mão de cadeta
Da guerra sem a etiqueta,
Mas que serve como treta
De Isabel ter alegreta
Quando não toque espicheta
Ou não corra-lhe a caneta,
Sendo ela a brasileira,
Qual o espanholeta em Gaeta,
Ou em Roma na Ripeta,
Tocando eu violeta,
Pois não fica isoladeta,
Como no céu planeta
Sem ter sócio ou qual cometa,
O que sabe, se em gaveta
Não p s ela a caderneta,
Que nos lembra na proveta
A nossa idade mais leta.
Vou ler o livro de Quatrefages.

4h 55' Volto de Mouans Sartoux. Aldeia c ebre pelo assédio sustentado por Suzana de Villeneuve durante muitos dias contra o duque de Savoia em 1562. Arrasado o castelo Suzana seguiu o duque até Cagnes e detendo o duque pela r dea do cavalo obrigou-o   indeniza o de 400 escudos. O nome de Mouans vem de Mos-bens – meu bem e Sartoux de Sertorius, que ai estabelecera em acampamento entrincheirado. As duas aldeias têm cerca de 943 habitantes. Na invasão dos sarracenos Castrum – Sertorii foi saqueado e incendiado.

10h   Estudei com o Seibold hebraico e o Restivo. Daubr e jantou comigo. Depois joguei bilhar com o S. Joaquim, conversei na sala de bilhar com minha filha e o Daubr e que vai para Paris amanhã de manhã, ainda joguei bilhar um pouco, e fui conversar com minha filha na sala do S. Joaquim. Retirando-se esta e sendo quase 10h subi para o chá. Já o tomei e agora vou deitar-me e ler até dormir.

22 de março de 1890 (sábado) – 7h Dormi bem. Escuso dizer que já estou lendo.

8h 55' Acabei de ler o 1º livro da História Universal do Riancey pondo-lhes notas a lápis. Vou vestir-me.

11h 5' Boa ducha. Belo dia e como vi bem os recortes da Esterel no meu passeio a pé além do farol.

12h ¾ Almocei com apetite e aí vão os versos mensageiros das violetas.

Já tenho aí as violetas,
Mas dá a Musa pernetas
De loucas, não de patetas
Para achar rimas discretas,
Que não sejam só muletas
Do Pindo a saltar valetas,
Ou antes ruins sinetas,
Que mal chamam a completas
Sonetos anacoretas,
Que de bocejos impletas
Deixas as suas celetas
E preferem em escarpoletas
Tornar as fibras rijetas
De companhia a grisetas,
Encontrando em tais bocetas
De gozo em boas tetas
Ou delícias que quais setas
Do prazer abem as betas
Goze-as no quarto incompletas
Pois que as do céu seletas
São a que tardias e inquietas
E, como casa de gretas,
Cedo tu sempre aboletas,
Assim diz quem não aquietas,
Oh fé das almas eletas
Que fazes crer em secretas
Ditas, quando não detetas
No mundo, onde as arquitetas
Oh Deus, que a nós a defletas
Em céu, terra e em mar dejetas
Mas de certo não expectas
Que eu das almas circumspectas.

4h 41' Quis ver a source petrifiante que sai de um rochedo na Notre-Dame-de-vie e de que tanto os ingleses gostam segundo os quais mas não a achei apesar de minhas perguntas. Contudo o passeio agradou-me.

10h Estudei com o Seibold hebraico e Restivo. Jantei bem, joguei bilhar com o Aljezur. Estive com os Estrelas e o Pedro, tendo se despedido o Augusto, e agora 10 ½ depois do chá vou deitar-me e ler o 2º volume do Riancey até dormir.

23 de março de 1890 (domingo) – 6h ½ Não pude mais dormir e estou já trabalhando.

8h 10' Continuei a tradução do Apuleius.

12h ½ Boa ducha e passeio do costume vindo à missa. Almocei bem e já fiz os versos para as violetas que eu mesmo levarei logo.

Hoje ao som de mil trombetas
Seguidas de citaretas,
E de agudas clarinetas,
Que a acompanhem em dansetas

Moçoilas muito facetas
Quisera eu as violetas
Oferecer-te assim lindetas
Pois não posso em grinaldetas
No cabelo enredadetas
Como se a este murchetas
Vê o quanto assim decretas
Prazer às almas repletas,
Mas delícias mais concretas
De iguarias tão seletas
Tenho hoje nas taboetas
Da mesa, a ver de mesetas
Qualquer que em horas diletas
Mais comigo estar projetas
Sem temer jamais caretas
Da sorte ruim em tretas,
E antes a acometas
Te que desprezando-a a metas (sic)
Qual roupa velha em gavetas
De gosto ao som de sinetas
Ou alegre espingardetas
Que disparem as fardetas
Que não manejam espadetas
Assim fazendo gazetas
Por livre de suas petas,
Em que, oh sábio, te espetas
Quando de esperto afetas

4h 40' Belo passeio. Canet, Notre-Dame-de-vie, de onde creio ter trazido água incrustante, Route de Grace, Boulevard de La Foncière e Croisette, que estava lindamente calma.

8h 20' Li um pouco Riancey antes de tornar a sair. Jantei bem com minha filha em sua casa e li-lhe "Luz e Calor" e agora acabei de copiar para ela sobre sua mesa a minha tradução do soneto do presidente Rigaud "A mes petits enfants".

10h 20' Antes de tomar chá ainda joguei bilhar; vou deitar-me e ler até dormir. Ainda não sei aonde irei amanhã.

24 de março de 1890 (2a fa.) – 7h Bem. Estou já lendo Riancey, mas prefiro responder ao Beaurepaire e se houver tempo lerei – mas li no Figaro de 22 um bellissimo artigo "Les hannetons" de A. Karr.

8h 55'. Vou vestir-me.

1h 10' Ducha. Passeio do costume. Almocei bem. Recebi carta do Riancey. Já fiz os versos das violetas que escreverei logo. Estive com o Dr. Bonafond.

Bem que a Musa estafadeta
Ache mal a rima em eta,
Qual criança de teta,
Fustigue mal a vareta
Espingarda que é só peta,
Do Pindo por qualquer greta
Força é que os dedos eu meta
Pra não deixar de violeta
O raminho se intrometa
A furto, sem papeleta,
Da Isabel na toaleta

Quando quero de chupeta
Vê-lo ornar-lhe a capeleta
Fazendo-a mais engraçadeta,
Qual a simples Rigoleta
Dos mistérios que à retreta
Da guarda até que a filheta
De Thetis o dia enceta
Em ler eu era pateta
E no sonho inda deteta
A imagem era que este arquiteta;
Pois que sempre por pipeta
Quis prazer que m'acometa
Que ao fim tarde se submetta
Pois vivemos para creta,
E cedo é a atingir a meta
E andar para lá sem treta,
Não mando às vezes muleta
Que a viagem torne grandeta
Pois mostra até que em gaveta
Gratidão não está qual roupeta
E gira qual carapeta
Pra que não a digam em boceta
E soa igual à trombeta
Que no dia da *vendetta*
Língua do Papa é correta
A uns de palma, a outros calceta
Em brasa – mais pesadeta
E se a terra tem cruzeta
Como o morte, com taboeta,
Justo é tenham mofeta,
Versos de rima em grilhetas

5h 5' Passeio de carro e a pé por Pegomas, Roquette, pequena aldeia com igreja de S. Francisco de Sales, e tomando o caminho de Grace perto de Moins-Sardoux, vim para o hotel, atravessando o boulevard de la Foncière, pelo Canet. Agora espero o Seibold para o estudo. O Estrela trouxe-me resposta de Jeanne de Montebello com suas fotografias.

10h ¼ Traduzi árabe e li Restivo. Jantei bem com minha filha. Joguei bilhar. Estive conversando com a Isabel na sala do S. Joaquim. Acabo de tomar chá na minha sala. Fui despedir-me de meus netos: o Augusto estava já na cama, mas falei; o Pedro tinha a porta fechada e não respondeu quando bati de leve. Creio que já estava dormindo. Vou deitar-me e ler Riancey até dormir.

25 de março de 1890 (3a fa.) – Já estou lendo. Dormi. Tempo muito ruim de vento e chuva. Não serei *[sic]* se poderei sair. Não me esqueço hoje o dia do aniversário do juramento da Constituição que julgo concorreu para o bem de minha Pátria há mais de 60 anos e querem agora abolir talvez insensatamente.

Escreveu o Estrela mandando a resposta à condessa Jeanne de Montebello – mas peço a esta seu endereço para precisar do Estrela. Vou ler Riancey.

12h ¾ Boa ducha, mas por causa da chuva vim de carro para o hotel e joguei bilhar com Aljezur e por fim com o S. Joaquim. Almocei com a Isabel e fiz os versos das violetas mas sem elas. Logo as darei.

Com chuva de gameletas,
Que punge quais baionetas

A não serem em sarjetas
Não verei eu violetas,
E inda menos as gambetas
Aquele das corcundetas,
Que não pede com indiretas
Que em troca dêem-lhe pesetas
Mas versos tem sempre aletas,
Que rápidos como setas
Os levam às que diletas
Não os escondem nas gavetas,
Porém sempre os lêem letas
Se as saudades incompletas
Tornam as horas secretas
Adejantes borboletas
Em torno do fogo inquietas
Que sempre arde pras filhetas
Jamais crestando as folhetas
Pondo-as antes mais lindetas
E nas angústias mais pretas
A luz do conselho gretas
Dá quais grades aos calcetas
Acaba de despedir-se a Isabel. É 1h mas creio que o exercício será de bilhar. Que dia!

4h Fui até a Croisette assim mesmo. Pequeno vagalhão. Joguei bilhar e agora vou estudar com o Seibold. O dia continua mau, porém espero que amanhã faça bom tempo.

10h ½ Traduzi hebraico e li Restivo. Fui jantar com vontade. Joguei bilhar, e tenho estado a conversar com os filhos da condessa de Estrela principalmente o barão e o Pedro, tendo tomado chá. Vou agora deitar-me, ler um pouco e dormir. Recebi carta de Alphonse Karr com versos dele que ele não publicou embora estejam impressos e que eu traduzirei.

26 de março de 1890 (4a fa.) – 7h 40 Acordei às 7 e escrevo depois de tomar *[sic]* com gravetos de pão. Passei muito mal a noite com indisposições estomacais e outras. Creio que foi das bolachas que me souberam mofadas de bordo.

2h Tenho passado e soube-me o chá e os fragmentos de torradas.

Lamentation

Oh mon Rafael on chère solitude
Asyle du de silence et de paix et d'étude
Qui peut dire aujourd'hui ce que tu deviandra?
Bals, fêtes et concerts, boutiques comédies
Roulette et baccará – cancans et calomnies,
Enfin – tous le plaisirs avec tous le fracas
Il faut aujourd'hui changer les almanaches
Car tes pars maintenant sont tous des mardis gras
Aimez les pauvres, oui, soulagez leurs misères
Mais en les assistant ne les supprimez pas
A vis des amusements ils sont très nécessaires
Luizes en quelques uns bien nourris frais et gras
Mais du pauvre gardant la stricte etiquette
Les supprimer serait à vos plaisir fatal
Plus de pauvres! Alors plus de pretexte honnête
A donner aux maris pour surcroit de toilette
Plus de Bal au profit de pauvres!

Chantes, valsez, flirtes – on nommera la fête
Pauvres au profit d'un bal.

Lamentação

Oh meu São Rafael que para mim é tudo
Asilo do silêncio e paz do estudo,
Quem me pode dizer serás o que a vir serás
Bailes, festas, teatros, sempre vozes
Cancans, bacará, roleta e aleives
Enfim prazer inteiro tão atroz com a bulha que farás
Cada dia a folhinha agora mudarás
Amais os pobres, sim, consolai suas misérias
Suprimi-los seria o vosso folgar fatal
Sem pobres! Pretexto não se arquiteta
Para dá-lo a marido e encherem-se a gaveta
Não mais
Baile para os pobres. Isto me é igual
Canto, valsa, namoro e o nome se decreta
“Dos pobres que um baile vai”
Estando no começo de meu parco almoço – mas carneiro. Veio ver-me a filhinha que volta logo para o jantar.
Não tens hoje violetas
Pois que sem cessar vaquetas
Sacaram o pó das tripetas
Sem cheiro de caçouletas
Mas com tremendas trombetas
Que inda tremem as pernetas
Com a bulha que acometas,
Limpendo bem o mar são petas
Sem líquido que metas
Como a água que tu injetas
Seave improvement nas sarjetas
Se o conto é pra que não submetas
A idéias só indiscretas
Ações que bem como setas
Vão sempre a quem amo diretas
Ou iguais a carapetas
Cercam a filha das diletas
Dizendo frases secretas
Que a meus olhares projetas
E a formar só um acarretas
Poesia das minguadetas
Aí vai que as taboetas
Não dizem que nas lojetas
Mais e muito – há do que inspectas
E o convívio é que corretas
Faz amizades provectas

Li artigo muito interessante “L'electrotherapie” do Figaro de 24 de março. Le Petit Marseillais de hoje Le Pitheque. É curioso sobretudo pelo que diz Allent, conforme o artigo, dá como palavras que exprimem “chien-chien”, “tarara” e “zonzon” noticiando-se sucesso feliz surpresa, temor, ou dor – palavra de carinho. Acabo fazendo-lhe notas o folheto muito interessante “Sous Teure” de Mr. Martin. Explosion des eaux interieures et cavernes des Causses. Extrait de l'Anuaire du

Club Alpin Français de 1888 – publicado em 84. Tenta provocar a curiosidade da reunião geral do Club Al- [sic] no ano de 1890 na Lozère.

Falei com o Muritiba que veio saber de mim que penso estar completamente embora um tanto fraco de rebordosa. Vou ao Seibold.

5h 35' Jantei com a minha dieta, que me soube bem. Só pude traduzir árabe. Estou olhando para o pôr do sol no Esterel. Acabo de escrever dizendo-lhe que admiro agora o pôr do sol de La Côte d'Azur e peço-lhe um bilhete para o Seibold assistir à conferência sobre o livro Le Brésil.

9h 20' Acabo de despedir-me de Isabel. Leu-me algumas páginas do Maroc de Pierre Loti. Vou tomar chá daqui a pouco.

10h quase. Tomei meu chá, mas não Índia – não era mau. Vou-me deitar daqui a meia hora depois de escrito ao Riancey mandando-lhe o 1º volume de sua Histoire du Monde com o que escrevi à margem a lápis.

Vou me deitar e ler até dormir.

27 de março de 1890 (5a fa.) – 7h Dormi muito bem. Belo dia.

8h $\frac{3}{4}$ Tomei chá com pão torrado. Não fui [sic] cautelosa à ducha. Tenho estado a ler o 2º volume do Riancey.

9h quase. Vou vestir-me e sair de carro.

11h $\frac{1}{2}$ Fui até a Croisette, mar que nem espelho. Comprei depois o raminho à corcundeta, e passei pelo mercado das flores, indo além do farol atravessando o jardim por causa do sol, tomando a uma das estradas o carro. Almocei com vontade.

Ressoem já as trombetas,
Soprem-se clarinetas
As hebrías Kinnoretas,
Toquem também harpetas,
E as gaitas de palhetas
De crianças nas festetas,
E da China as campanetas
Do gong com as pancadetas
E também as rabequetas
Egípcias que soam às dansetas
Qual de abelha que as anquetas
Põe-nas desconjuntadetas,
Que vão hoje violetas
Embora o move lancetas
Pra meu bem e assim o interpretas
Vedou-me as chicotadetas,
Que, lesto põem mais vedetas
E às vezes mometas

M.D.

Puen Spentrionis annos XII qui Antipoli in theatro bi duo saltavit et placuit

Inscrição de uma lápide embutida no canto da Rue de la Paroissi em Antibes e copiada em 19 de janeiro de 1890.

[desenho]

Visões me faz ter mui letas
Mas o som das moedetas
Que mais clama que cornetas
E não assusta qual de escopetas
Fez as minhas de aleijadetas
Mais graciosa das corcundetas
Vim gingando com as floretas

Que a teata a bater não encetas

A adivinhar a quem são defletas

Pois se o coração me setas

Logo aí ter a detetas

1h ³/₄ Estive com a Condessa de Estrela e o Barão. Despedi-me do Pedro que vai a Paris a mandado do pai e por poucos dias. Recebi a visita dos Kahns que moram em Menton e vieram aqui por alguns dias, e li bom artigo do Figaro de 26 “Le repos du dimanche”.

2h ¹/₄ Estive com o Roland que encarreguei de mandar-me diversos livros. Vou passear de carro.